

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

**CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O SABER POPULAR SOBRE
OS MOLUSCOS NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DE
RECIFE E OLINDA, ESTADO DE PERNAMBUCO**

MARIA CONCEIÇÃO DA SILVA

**Dissertação apresentada à
Coordenação de Pós-Graduação em
Educação, da Universidade Federal
da Paraíba, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Educação, área de
concentração em Educação Popular.**

Orientador: Dr. FRANCISCO JOSÉ PEGADO ABÍLIO

JOÃO PESSOA – 2006

MARIA CONCEIÇÃO DA SILVA

**CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O SABER POPULAR SOBRE
OS MOLUSCOS NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DE
RECIFE E OLINDA, ESTADO DE PERNAMBUCO**

**Dissertação apresentada à
Coordenação de Pós-Graduação em
Educação, da Universidade Federal da
Paraíba, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em
Educação, área de concentração em
Educação Popular.**

Orientador: Dr. FRANCISCO JOSÉ PEGADO ABÍLIO

JOÃO PESSOA – 2006

BANCA EXAMINADORA:

DR. FRANCISCO JOSÉ PEGADO ABÍLIO – DME/CE/UEPB
(Orientador)

DR. JORGE CHAVES CORDEIRO – DME/CE/UEPB
(Membro)

DR. JOSÉ ETHAM DE LUCENA BARBOSA - UEPB
(Membro)

EPÍGRAFE

NEGRA ALAIÊ

*Sou mulher negra batalhadora
Lutando por alforria, alimentação
Querendo emprego, saúde e educação
Denunciando em forma de canção*

*Sou mulher negra, sou sim
Alafin
Sou negra alaiê
Lutando por igualdade
Sou tão capaz quanto você*

*O racismo do esquadrão
É verdade muito forte
A pena de morte
A esterilização
Genocídio para o povo negro, não*

*As malungas organizadas
Pelo fim da mutilação
Ao machismo dizendo não
Encontramos no Omnira
A libertação*

(Ceíça Axé e Sônia Silva)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais – Maria e João;

À minha filha, Natureza, rebento do meu mais puro amor;

Ao meu Baba e à minha Ya, guardiões de minhas heranças étnico-religiosas;

Aos meus irmãos e irmãs de sangue e de fé;

Aos profissionais que contribuíram com esta minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Olorum e a todos os Orixás pela luz que recebo e que repasso.

A minha mãe Maria José e ao meu pai João pela vida e labor da criação.

A minha filha Natureza, pela compreensão e força.

Aos meus irmãos Brasiliana, Sônia, Das Dores (in memória), Wilson, Edmilson e Wellington.

Ao Professor Dr. Francisco José Pegado Abílio, orientador da pesquisa que, com amizade, competência, dedicação soube me mostrar que todo o saber científico deve estar a serviço das classes populares (nosso povo) e por compartilhar de minhas lutas, alegrias, sofrimentos, desilusões e esperanças, elementos necessários para a conclusão deste trabalho.

Aos membros da Banca Examinadora, Dr. Jorge Chaves Cordeiro e Dr. José Etham de Lucena Barbosa, pela lisura de suas análises.

Ao Manoel Nascimento Costa, meu orientador de todas as horas, e Djanira Alves, sacerdotes do nosso Axé Ancestral.

Aos Babalorixás, Marcelo Efrem, Toinho de Oxum e Vadinho de Oxalá e aos Ogãs Pessoa e Lomy Lodo, pela sabedoria e disponibilidade em socializar conhecimentos.

Às Yalorixás Maria do Bonfim, Mãe Lau de Oxalá e Judite de Oxum, pela grandiosidade e respeito com que tratam os fundamentos religiosos e por não hesitarem em compartilhar comigo os seus saberes.

A todos os Terreiros visitados, pela maneira carinhosa com que fui recebida.

À minha “família” em João Pessoa – Isabel Cristina Humberto, Zenildo Humberto e filhos – pelo acolhimento durante esses anos de estudo, sem o qual teria sido impossível concluir esta etapa de minha formação acadêmica. Vocês foram meus anjos-da-guarda!

Aos meus amigos e às minhas amigas da Turma 2003 que, principalmente a amiga e irmã Genoveva Batista e família, que com sorrisos, ligações telefônicas,

e-mail's, sugestões, divisões de despesas, acolhimento, tornaram-se fonte de inspiração e ânimo para enfrentar os desafios e desvendar a floresta do conhecimento acadêmico.

Ao Professor Dr. Henrique Cunha Júnior, pelo resgate da nossa africanidade.

A escritora e jornalista Jussara Rocha Koury, pelo apoio e carinho.

Enfim, a todos e a todas que acreditaram no potencial de minha pesquisa e se colocaram à disposição para sua concretização.

RESUMO

Estudos sobre a relação “Saber Popular e o Conhecimento Científico” poderão contribuir para resgatar a re-significação do Ensino e a função Social e Política dos Espaços Educativos. Baseado neste princípio, este trabalho de dissertação teve como objetivo principal de compreender as relações entre o saber popular e o conhecimento científico, com ênfase no uso dos moluscos nos terreiros de candomblé de Recife e Olinda – PE. A metodologia utilizada se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, utilizando os seguintes procedimentos metodológicos: observação participante (fenomenologia), através de entrevistas com Babalorixás e Yalorixás; pesquisa documental; oficinas pedagógicas; coleta e registro das espécies de moluscos utilizados no Candomblé e levantamento das concepções e/ou percepções de Natureza das crianças que freqüentam os terreiros. Dos sete entrevistados (4 Babalorixás e 3 Yalorixás), todos afirmam a importância dos moluscos nos rituais dos terreiros de Candomblé, principalmente os 4 mais sagrados moluscos, *Cauri*, *Ibi*, *Aruá* e o *Ikoto*. O Búzio (*Cypraea* sp.) é o molusco mais sagrado, representando força, poder e sabedoria. A concha é usada para Ifá, para adivinhação, para a palavra do Oxalá e para todo o tipo de iniciação. Nas atividades com as crianças, 22 no total, a que mais se destacou foi a oficina pedagógica com os desenhos, os quais expressaram várias formas de árvores harmônicas, com a presença do sol, flores e pássaros demonstrando laços afetivos e/ou religiosos com a “Mãe-Natureza”. De uma maneira geral, em sua maioria constatou-se uma Concepção Romântica e Naturalista sobre a Natureza. Os moluscos marinhos, gastrópodes principalmente, são importantes comercialmente devido a sua utilização como alimento, na fabricação de objetos e adornos e de medicamentos à base de cálcio. Devido ao uso e coleta desses animais de forma indiscriminada, no estado de Pernambuco existe atualmente 6 espécies de gastrópodes ameaçados de extinção. Atualmente, a EtnoConservação de recursos naturais tem sido vista como uma resposta adaptativa das populações locais, para neutralizar perdas naturais e econômicas no ambiente. No caso específico dos terreiros de Candomblé está sendo desenvolvido um trabalho contínuo de Educação Ambiental com os babalorixás e yalorixás e este trabalho vem a contribuir para uma proposta de um projeto, junto aos terreiros de Candomblé de Recife e Olinda, para a uma conservação da fauna de moluscos, uma vez que estes podem ser substituídos por outros elementos naturais e/ou simbólicos nos rituais sagrados da religião.

Seção 1.01 **Palavras Chaves:** Conhecimento Científico, Conhecimento Popular, Religião do Candomblé, Moluscos.

ABSTRACT

Studies about the relation "Popular and the Scientific Knowledge" will be able to contribute to rescue the re-significance of Social, Teach function and Politics of the Educative spaces. Based on this principle, this work had as main objective to understand the relations between the popular and scientific knowledge, with emphasis in the use of the molluscs in the *Candomblé's terreiros* from Recife and Olinda, Pernambuco state. The methodology from characterizes as qualitative research, using the following methodological procedures: participant comment (Phenomenology), through interviews with Babalorixás and Yalorixás; documentary research; pedagogical workshops; it collects and registers of the molluscs species and survey with the children's, that frequent the *Candomblé's terreiros*, about Nature conceptions. Of the seven interviewed (4 Babalorixás and 3 Yalorixás), all affirm the importance of the molluscs in the Candomblé's rituals, mainly the 4 more sacred molluscs, *Cauri*, *Ibi*, *Aruá* and the *Ikoto*. The mollusc (*Cypraea* sp.) it is the most sacred, representing force, power and wisdom. The shell is used to Ifá, divination, to the Oxalá and all the type of initiation in Candomblé's religion. In the activities with childrens, 22 in the total, the one that more was distinguished was the pedagogical workshop with the drawings, which had expressed some forms of harmonic trees, with the presence of the sun, flowers and birds demonstrating affective and/or religious bows with "Nature mother". In a general way, in its majority a Romantic and Naturalistic Conception were evidenced about the Nature. The mollusk marine, gastropods mainly, are important commercially its use as food, in the manufacture objects, adornments and medicines to the calcium base. The use and it collects of these animals of indiscriminate form, from the Pernambuco state currently there are 6 threatened gastropod's species of extinguishing. Currently, the "EtnoConservation" of natural resources has been seen as a positive reply of the local populations, to neutralize natural and economic losses in the environment. In the specific case of the *Candomblé's terreiros* he is being developed a continuous work of Environment Education with Babalorixás and Yalorixás and this work comes to contribute for a project's proposal, in the *Candomblé's terreiros* from Recife and Olinda, for the molluscs conservation, a time that these can be substituted by other natural and/or symbolic elements in the sacred religion rituals.

Seção 1.02 Key words: Popular Knowledge, Scientific Knowledge, Candomblé religion, Molluscs.

SUMÁRIO

EPÍGRAFE	04
DEDICATÓRIA	05
AGRADECIMENTOS	06
RESUMO	08
ABSTRACT	09
LISTA DOS QUADROS	13
1. INTRODUÇÃO GERAL	14
1.1. CIÊNCIA, RELIGIÃO E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAL	15
1.2. ETNOCONHECIMENTO: AS RELAÇÕES ENTRE O SABER POPULAR E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO	20
1.3. A IMPORTÂNCIA SÓCIO – ECONÔMICA - MÉDICA E CULTURAL DOS MOLUSCOS	22
1.3.1. MOLUSCOS UTILIZADOS COMO MOEDAS	23
1.3.2. PRODUÇÃO DE PÉROLAS	23
1.3.3. MOLUSCOS UTILIZADOS NA PRODUÇÃO DE ARTESANATOS E ADORNOS	24
1.3.4. OS MOLUSCOS NA ECONOMIA EM GERAL	24
1.3.5. OS MOLUSCOS E SUA IMPORTÂNCIA NA FARMACOLOGIA E MEDICINA	24
1.3.6. CONQUILIOLOGIA E A ARTE DE COLECIONAR CONCHAS	25

1.3.7. OS MOLUSCOS E A HISTÓRIA	26
1.3.8. OS MOLUSCOS E A HISTÓRIA POPULAR	27
1.3.9. MITOS E FABULAS: O IMAGINÁRIO MALACOLÓGICO	27
1.3.10. NUTRIÇÃO: IMPORTÂNCIA ALIMENTAR DOS MOLUSCOS	27
1.3.11. MALACOCULTURA	28
1.3.12. SAMBAQUIS	29
1.4. OS MOLUSCOS E SUA UTILIZAÇÃO NAS RELIGIÕES	30
2. OBJETIVOS	32
2.1. Geral	32
2.2. Específicos	32
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
4. CARACTERIZAÇÃO DA “ÁREA DE ESTUDO” E POPULAÇÃO ALVO DA PESQUISA	36
4.1. CULTURA E RELIGIÃO NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DE RECIFE E OLINDA, PERNAMBUCO	37
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
5. 1. AS PERCEPÇÕES DOS BABALORIXÁS E YALORIXÁS DO CANDOMBLÉ SOBRE OS MOLUSCOS	40

5.1.1. O Cauri (Búzios, Buzo) – <i>Cypraea</i> sp. (Mollusca, Gastropoda, Prosobranchia, Mesogastropoda, Cypraeidae)	44
5.1.2. O Ibi – (Igbín, Aruá-do-Mato ou Caracol Gigante Africano?)	46
5.1.3. O Aruá ou Uruá – <i>Pomacea lineata</i> (Spix, 1827) (Mollusca, Gastropoda, Prosobranchia, Mesogastropoda, Ampullariidae)	48
5.1.4. O IKOTO (principalmente <i>Achatina</i> sp.?)	50
5.2. A EXPLORAÇÃO DA FAUNA DE MOLUSCOS E A EXTINÇÃO DE ESPÉCIES NO ESTADO DE PERNAMBUCO	51
5.3. OS MITOS E A SIMBOLOGIA SOBRE OS MOLUSCOS NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ	53
5.4. OS MOLUSCOS NO JOGO DE BÚZIOS: RELIGIÃO, CONHECIMENTO E PSEUDO-CIÊNCIA?	55
5.5. CONCEPÇÕES SOBRE NATUREZA DAS CRIANÇAS QUE FREQUENTAM OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ PSEUDO-CIÊNCIA?	58
5.6. SENSIBILIZAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DO CANDOMBLÉ: UM PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSERVAÇÃO DA FAUNA DE MOLLUSCA.....	60
6. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
7. REFERÊNCIAS	65
8. ANEXOS	73

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Os Orixás, o uso e a importância dos moluscos nos terreiros de Candomblé.....41

Quadro II – Moluscos Gastrópodes marinhos ameaçados de Extinção no estado de Pernambuco (de acordo com TENÓRIO *et. al.*, 2002)52

1. INTRODUÇÃO GERAL

“O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um Oceano” (Isac Newton).

Atualmente, acredita-se que a relação “*Saber Popular e o Conhecimento Científico*” será uma das propostas que busca resgatar a re-significação do Ensino e a função social e política dos Espaços Educativos, já que, segundo o nosso saudoso Paulo Freire, “*A educação é um ato político e todo ato político é um ato educativo*” (FREIRE, 1978).

Para tanto, este trabalho visa examinar a luz das ferramentas conceituais da análise de discurso e do EtnoConhecimento sobre os moluscos nos terreiros de Candomblé de Recife e Olinda, no estado de Pernambuco, com o intuito de desconstruir as concepções de origem Eurocêntrica, tão arraigada, no Senso Comum, no pensamento acadêmico, no sistema educacional e no imaginário do afro-descendente.

A escolha do tema foi motivada pelo interesse de conhecer e aprofundar a contribuição dos povos Afro-descendentes das Religiões de Matriz africana na construção do desenvolvimento e da religiosidade brasileira, em face de sua invisibilidade história como protagonista sócio-cultural e política, mesmo sendo a guardiã de sabedoria ancestral e construtora da nossa base cultural.

Empregamos nossa audácia para fazermos uma discussão que é raramente tecida nos espaços que dialogam sobre a Educação Popular Afro-Brasileira (BENTES, 2002), mas especificamente, a “Religiosidade Popular de Matriz Africana”.

O que nos encoraja, também, a escrever o presente trabalho é a tentativa de elaborar um pensamento que propõe matizes diversas e leva a evadir-nos no terreno teórico-metodológico unidimensional, uno e totalitário, fruto da nossa formação positivista que nos enrijece, impedindo-nos de perceber modos de sociabilidade para além da História moderna e suas análises empíricas

racionalistas que, geralmente não conseguem indicar novos horizontes para compreensão mais ampla das sociedades contemporânea (LUZ, 2002).

Hoje estamos entrando num novo paradigma. Quer dizer, estamos emergindo uma nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e suas relações com a natureza (LEFF, 2002). Evidentemente permanecemos no paradigma clássico das ciências com seus famosos dualismos como divisão do mundo entre material e espiritual, a separação entre a Natureza e a Cultura, entre o ser humano e mundo, razão e emoção, feminino e masculino, Deus e mundo e a Atomização dos Saberes Científicos.

Para tanto, foi realizado o exame inicial do pensamento de autores/as, imprescindível para conhecer os fundamentos básicos da Ciência Malacologia e da religiosidade Afro-brasileira.

Com base na análise de dados colhidos na pesquisa, apresentamos um sistema EtnoCientífico, indicando brevemente elementos fundamentais de sua estruturação, assim como desenvolvemos um trabalho de investigação para contribuir num processo de Conservação da fauna de moluscos e para a preservação da identidade e da cultura-religiosidade no Candomblé.

1.1. CIÊNCIA, RELIGIÃO E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“Quem diz que a Religião não se harmoniza com a Ciência é ignorante tanto de uma quanto da outra” (Albert Einstein).

Entre os povos aportados em terras brasileiras, todos menos um, entraram pelos braços do *Cristo Redentor*, pela porta da frente desta nação, recebendo as melhores terras, escolhendo os estados de acordo com as tradições, religião e pelo clima de origem do país de origem, como foi o caso dos contingentes alemães, italianos, polaneses, japoneses, etc. O único contingente que entrou pela “porta da cozinha” sem nada para receber e tudo para dar foi o Africano. É de se

admirar a força demonstrada por essas populações entrada “pela porta da cozinha” que apesar disso são uma das matizes da formação da cultura brasileira.

Quando pensamos em tradição religiosa dos negros no Brasil, nos remontamos imediatamente ao momento em que nossos antepassados chegaram na condição de escravos, originário do Golfo da Guiné e de Angola, no final do século XVI, para servir ao poder vigente que como sabemos era branco e cristão.

Populações inteiras do continente africano “*foram arrancadas com violência das suas terras, das suas culturas e das suas tradições e trazidas como escravos para a América. (...) como esquecer os enormes sofrimentos infligidos com menosprezo dos mais elementares Direitos Humanos às populações deportadas do Continente Africano? Como esquecer as vidas humanas destruídas pela escravidão?*” (João Paulo II, 1992).

Demos, então o primeiro passo para manter viva a nossa transmissão oral, quando estávamos misturados nas senzalas e depois nos centros urbanos da época colonial, diversos povos tiveram que superar as diferenças lingüísticas e reconstituíram sua religiosidade, identificando os elementos comuns de suas crenças até que surgisse o **Candomblé Brasileiro**.

Para o poder escravocrata permitir a sobrevivência das crenças dos nossos ancestrais significava fortalecimento daquela população de “anticristo”, na visão ignorante do colonizador, que jamais compreenderia o universo do panteão africano que trazia para eles, medo, mistério e incompreensão que resultou numa forte perseguição ao Candomblé até os dias de hoje.

A religião dos Orixás está ligada à noção de família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos (VERGER, 1981). O Orixá seria, em princípio um ancestral divinizado, que em vida, estabeleceram vínculos que lhe garantiam um controle sobre as forças da Natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade, de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização O poder do seu axé, do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a

faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada.

No **Estado de Pernambuco**, já no **Século XVII** há registro da Religião Afro-Brasileira, sendo classificadas em quatro vertentes: **Xangô**, **Catimbó** ou **Jurema**, **Umbanda** e **Xangô Umbanizado**. Se no Catimbó, o cruzamento com as tradições indígenas é marca principal, na Umbanda é com o espiritismo de Kardec que se dá o cruzamento. Entretanto, é no Xangô que as tradições africanas são a maior referência, sendo, portanto, o Xangô Umbanizado uma expressão utilizada para casas que cultuam tanto os orixás como os mestres.

A pureza do Candomblé tanto do ponto de vista religioso, quanto do ponto de vista folclórico, tem sido ameaçado por elementos inescrupulosos que, no afã da popularidade e do enriquecimento ilícito, têm elevado aos que professam esse culto a uma desconfiança geral, condenando outras religiões destacadamente monoteístas e até mesmo correntes espiritualistas, radicadas ao Espiritismo (SILVA, 1997).

O termo Candomblé hoje designa uma variedade de ritos, (re) criados no Brasil por africanos e seus descendentes, no contexto de amplos contactos Inter-Etnicos de povos da costa ocidental africana, falantes de loruba que se volta para o culto dos Orixás e se inspira na tradição nagô (TRINDADE, 2005).

Por este prisma, falando sobre religiosidade popular brasileira THEDORO (1996) menciona que do mesmo modo que a África Ocidental, a religião impregnou e marcou todas as atividades do nagô brasileiro, estendendo-se, regulando e influenciando os demais grupos culturais. Assim como os nagôs, as demais nações que deram escravos ao Brasil professam, desde suas origens, e com ligeiras variações locais, a chamada religião se apóia numa força suprema, geradora de todas as coisas, mas, abaixo dela, existem e são cultuadas forças da natureza e espíritos dos antepassados.

O Candomblé é um culto entusiástico em que, através do transe e da possessão, certos iniciados encarnam os espíritos invocados. Estes são também propiciados com sacrifícios e oferendas diversas, e podem ainda comunicar-se com os humanos através do código ritual de um jogo divinatório (**Ifá**).

A palavra Candomblé é de origem Banto, região africana entre a Nação Gêge e Nagô e significa “*casa onde batem os pés*”. É tida como crença originária da Nigéria e é composta de várias nações que, após lutas tribais, subdividiram-se em: Angola, Congo, Gêge, Nagô (Yoruba), Ijexá e Ketô, etc. Estas nações distinguem-se tanto na qualidade de seus deuses Orixás, quanto na forma dos atabaques, nos dialetos, nas nomenclaturas, nas vestimentas e nos rituais (TRINDADE, op. cit.).

A religião tradicional negro-africana, reposta nos terreiros, bem no seio de uma sociedade como a brasileira, que é regulada por uma moderna ideologia ocidental possibilitou a coexistência e a interpenetração multisseculares de duas ordens culturais: a branca e a negra.

Desta forma se entende que a cultura negra vem funcionando como uma fonte permanente de resistência e dispositivos de denominação e, também, como mantenedora de equilíbrio emocional do negro no Brasil. De maneira geral, podem ser apontadas como religiões negras (THEODORO, 1996):

- O **Culto Nagô** (proveniente da Nigéria, implantados pelos iorubas e seus descendentes, de língua loruba – chama as forças da natureza de Orixás);
- O **Culto Jeje** (proveniente do antigo Daomé, implantado por descendentes da família real do Abomey, pelos fon ou mina, de língua Jeje – chama as forças da natureza de Voduns);
- O **Culto Banto** (proveniente de vários países Candomblé Congo, Candomblé Angola, Omelokô, Candomblé de Caboclo, Umbanda, Jarê etc. – chama as forças da natureza de Inquices).
- O **Mito** é o discurso em que se fundamentam todas as justificativas da ordem e da contra-ordem social negra. Está intimamente ligado ao universo do simbólico, que representa a ordem ou organização do meio que circunda o homem desde o momento em que nasce indo além da sua morte.

Na cultura negra, os mitos são indicadores de caminhos e meios para a aquisição, transformação ou transferência de axé. O **Axé** se transmite numa relação interpessoal e dinâmica, num processo de comunicação direta, onde a oralidade é básica e fundamental. O axé se desenvolve na comunidade-terreiro que funciona como um centro irradiador de todo um sistema cultural, do qual a oralidade é um de seus elementos, mas que deve ser visto em função do todo.

Desde cantigas, textos míticos, história de seres ou animais, acontecimentos importantes ou lendas, tudo explicita o universo cultural negro, sendo instrumentos de comunicação e ensino. Os membros da comunidade-terreiro aprendem uma língua específica, vivem em função de uma hierarquia determinada pelo conhecimento maior ou menor de cada um, segundo concepções filosóficas, estéticas, alimentares, musicas e de danças que se relacionam diretamente aos mitos, lendas e refrões.

Tal transmissão se faz através do rito, que é uma forma viva e participante, na qual se revivem e reforçam o sistema de conhecimentos e de relações do grupo. Pode-se concluir, então, que na cultura negra, o som, a palavra são elementos mobilizadores, que conduzem à ação, que propiciam axé.

No ritual, o Orixá é invocado, respondendo por intermédio do transe individual do participante do culto. Assim, o individuo que fala é sempre imediato, concreto, pois só dessa forma se transmite o axé, indispensável à dinamização das trocas e da existência. Cada ato de comunicação é único, renascendo apenas no ritual. Graças aos orixás, cada elemento é individualizado do ponto de vista espiritual, não sendo, porém, um ser isolado nem autônomo, já que está ligado aos antepassados da humanidade, da nação a que pertence, do terreiro e de sua própria família.

Com o orixá, cada pessoa participa dos poderes que governam todas estas substâncias. Assim, por intermédio do segredo do ritual, se ligam e se constituem os vínculos comunitários, evidenciando-se a potência do sagrado que surge desta fusão do individuo na natureza, através da dimensão cósmica.

PRANDI (2005) afirma que depois de passar por muitas mudanças e de ter se propagado por todo o país e adentrado os diferentes segmentos sociais, as

religiões afro-brasileiras ainda conservam a imagem de culto de mistérios e segredos, o que muitas vezes resulta numa idéia de perigo e risco no imaginário popular.

Isso tem servido dos orixás desde sua formação no Brasil, mas essas religiões sem dúvida terão caminhado adiante do processo de legitimação social, já não se escondem da policia nem se limitam mais a parcelas fechadas da população (PRANDI, *op. cit.*).

A divulgação profana de aspectos da religião pelas artes, especialmente a música popular, que atinge as massas pelo rádio e pela televisão, terá sem dúvida contribuído para reduzir a marginalidade da religião dos deuses africanos, embora concorra também para afirmar estereótipos e confirmar velhos preconceitos.

Religião que agora é de todos, o Candomblé enfatiza a idéia de que a competição na sociedade é bem mais aguda do que se podia pensar, que é preciso chegar a níveis de conhecimento mágico e religioso muito mais densos e cifrados para melhor competir em cada instante da vida, e que o poder religioso tem amplas possibilidade de se fazer aumentar.

1.2. ETNOCONHECIMENTO: AS RELAÇÕES ENTRE O SABER POPULAR E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

O Conhecimento surge no Homem quando ele começa a se relacionar com o mundo. Portanto a Ciência faz o Homem “Saber”, ou seja, ter consciência das coisas (MARTINS, 2001). Sendo a Ciência um modo de conhecimento, como já afirmava Lévy Strauss, o Homem não se limita apenas a adquirir conhecimento, mas também a produzir conhecimento, de forma criativa e inteligente (MARTINS, *op. cit.*).

A Pedagogia, enquanto Ciência da Educação tem incorporado no seu interior as polêmicas sobre Conhecimento e verdade, que desafiaram o reinado do Positivismo. Há mais de 30 anos que o conhecimento “oficial”, baseado no Racionalismo Cientificista, é questionado pela Teoria Crítica da Educação pela

Nova Sociologia da Educação inglesa, e mais recentemente, por educadores Neomarxistas além de Pós-Modernos referenciados na obra de Michel Foucault (LIMA, 2001a).

Não obstante, as pedagogias inspiradas no pensamento PauloFreireano insistem em partir do conhecimento do sujeito, obtido tanto de suas experiências singulares quanto das suas vivências no coletivo, no que diz respeito, à vida, ao trabalho e às lutas sociais. Assim, reconhecer o Etnoconhecimento implica em reconhecer a especificidade das formas de apropriação, ou seja, de uma Etnoaprendizagem, base para uma Etnoeducação.

Mais recentemente, sob a influência das Práticas Sociais e Simbólicas (DIEGUES, 1998) e da Fenomenologia (SATO, 2001), emergiu fortemente na educação o debate acerca da Multireferencialidade, da EtnoMetodologia e da EtnoPesquisa Crítica. Apesar da diversidade, todos estes referenciais confluem para um ponto comum: “o *questionamento do conhecimento oficial com a única ciência possível*” (MACEDO, 2000).

A Pedagogia, indubitavelmente, tem muito que aprender com a Antropologia, a Etnobiologia (EtnoEcologia, EtnoZoologia, EtnoBotânica, etc.) (CAMARGO, 2001). Mas, como em todo processo dialógico, também tem muito que ensinar. O desafio da Inter e da Transdisciplinaridade, do ponto de vista acadêmico, parece, por vezes, mais difícil de superar que o abismo da falsa dicotomia “*Saber Científico - Saber Popular*” (LIMA, 2001b).

O conhecimento vulgar ou popular, às vezes denominado senso comum, não se distingue do conhecimento científico nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido: o que diferencia é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do “conhecer”. (MARCONI & LAKATOS, 2004).

Portanto, valorizar o conhecimento “popular”, “senso comum” das comunidades tradicionais ou dos grupos sociais minoritários é também contribuir para uma Educação Popular e favorecer a construção de um conhecimento socializado significativo.

“O saber não nos torna melhores nem mais felizes, como afirmava Kleist, mas a Educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas”. (MORIN, 2004).

1.3. A IMPORTÂNCIA SÓCIO – ECONÔMICA - MÉDICA E CULTURAL DOS MOLUSCOS

O filo Mollusca constitui um dos grupos de invertebrados marinhos mais numerosos do globo, tem sido descritas aproximadamente 150.000 espécies vivas e mais de 35.000 espécies fósseis (TENÓRIO et al., 2002; BRUSCA & BRUSCA, 2002). Apresentam as mais variadas formas e habitats, sendo encontrados em todos os continentes e ambientes terrestres e aquáticos, porém as espécies marinhas são mais abundantes. São popularmente conhecidos pelos nomes de caramujos, caracóis, búzios, lesmas, mariscos, ostras, polvos e lulas.

Os moluscos, por serem um dos filos mais antigos do planeta, com mais de trezentos milhões de anos desde a era Paleozóica do Cambriano, são ainda, pouco estudados a respeito de suas influências na vida do ser humano (MORAES & BRAVIN, 1998).

A diversidade de interações que as culturas humanas mantêm com os animais tanto pode ser estudada do ponto de vista das disciplinas da Ciência ocidental, tais como zoologia, psicologia e etnologia, quanto pela perspectiva de EtnoCiência, mais particularmente de EtnoZoologia (COSTA-NETO, 2000).

O autor supracitado faz uma revisão da literatura sobre estudos na área de EtnoZoologia realizados no Brasil publicados até 1999. Foram listados 246 títulos, destes apenas 9 referem-se a EtnoMalacologia, e de um modo geral os trabalhos enfocam os bivalves de importância alimentar.

A seguir apresentamos a importância e uma descrição de diferentes tipos de uso dos Moluscos pela população Humana.

1.3.1. MOLUSCOS UTILIZADOS COMO MOEDAS

Conchas de gastrópodes constituíam o dinheiro de várias raças nativas – raça *Wampum* de Índios americanos (STORER, 2002). Para os Iroqueses *Wampum* significa “fileiras de conchas multicolores”; Pérolas de Bivalves eram utilizadas como moedas no Japão;

O *Cauri* (conchas preciosas do tipo porcelana – *Cypraea moneta* e *C. annulus*), na África Oriental é a mais conhecida concha-moeda – ainda no século XIX era utilizada em vasta escala do Sudão a China e nas ilhas da Malásia (BIFANO, 1998);

Conchas de Scaphopoda (*Dentalium* sp.), enfiadas em cordões foram o dinheiro dos índios da Costa do Pacífico da Califórnia até o Alasca (SILVA, 2003);

Em algumas civilizações 20.000 conchas equivaliam a um saco de pele e 6.000 conchas U\$ 1,00. Uma esposa jovem virgem valia de 60.000 a 100.000 conchas (equivalente de U\$ 20 a 40,00), enquanto que as mais velhas valiam de 20.000 a 25.000 conchas (U\$ 6,00);

1.3.2. PRODUÇÃO DE PÉROLAS

Algumas pérolas formam-se em moluscos bivalves de água doce, mas os tipos mais valiosos provem de ostras Perlíferas marinhas (*Pinctada margaritifera*) do Golfo Pérsico e do Oceano Índico.

Os japoneses introduzem artificialmente pequenas partículas no manto e então mantêm os bilvalves, *Pinctada* sp., em agregados durante vários anos, até que as pérolas cultivadas sejam completamente formadas;

A camada nacarada das conchas de bivalves de água doce da família Mycetopodidae é utilizada como núcleo de pérolas cultivadas (BOFFI, 1979).

1.3.3. MOLUSCOS UTILIZADOS NA PRODUÇÃO DE ARTESANATOS E ADORNOS

Os homens primitivos utilizavam as conchas de moluscos como pratos, talheres, vasilhas e enfeites (MORAES & BRAVIN, 1998);

Na Itália há grandes indústrias que utilizam a “Madre Pérola” na fabricação de botões; Algumas espécies do gênero *Diplodon* (água doce), devido à sua grande espessura da concha, são empregadas nas indústrias de botões; Na China, algumas espécies de caracóis têm sido utilizadas para a purificação da água nas tecelagens da seda (MORAES & BRAVIN, op.cit.);

Várias espécies tem sido utilizadas na fabricação de Cortinas, abajures e artesanatos, tais como o *Strombus goliath*; Importantes na fabricação de cerâmicas e porcelanas – muitos materiais de porcelanas são decoradas com temas malacológicos - no Caribe o mesogastrópode *Strombus gigas* é utilizado na fabricação de porcelana;

1.3.4. OS MOLUSCOS NA ECONOMIA EM GERAL

Conchas de ostras são usadas em estradas e fornecem Cálcio para galinhas; As conchas de mariscos (*Anomalocardia brasiliiana*) têm sido utilizadas como agregado na fabricação de elementos de pisos para moradia (NISHIDA *et. al*, 1998);

Pequenas lascas de nácar dos bivalves de água doce Mycetopodidae são incluídos nos pisos de Granilite (BOFFI, 1979).

1.3.5. OS MOLUSCOS E SUA IMPORTÂNCIA NA FARMACOLOGIA E MEDICINA

A literatura malacológica cita a utilização popular do molusco pulmonado terrestre *Megalobulimus paranaguensis* como medicamento ou remédio para o

tratamento de certas doenças e ferimentos, em particular o muco produzido por animais vivos para cicatrização de feridas, no interior do Estado do Paraná (MORRETES, 1949, 1953).

Atualmente, o muco produzido por escargots/caracóis se apresenta com grande potencial na área da indústria de produtos medicinais para a cicatrização de feridas;

As ostras são excelentes para o tratamento da Anemia – contém vitaminas A e D em abundância e sais minerais em grande quantidade, principalmente Ferro, Manganês e Cobre;

Estudos e Pesquisas sobre o colágeno, encontrado em abundância em células de caracóis durante o inverno, têm sido utilizados na cura do Reumatismo;

Hematologia – os ovos dos caracóis de jardim contêm um elemento químico que identifica os grupos sanguíneos humanos, reduzindo acentuadamente o custo dos serviços de transfusão;

Nas ostras está contida uma substância de alto poder antivírus e antibacteriana, que quando usada causa uma inibição do crescimento dos vírus da influenza de 90 a 99,9%;

1.3.6. CONQUILIOLOGIA E A ARTE DE COLECIONAR CONCHAS

Calígola (O Imperador) (40 d.C) formou expedições com o propósito de coletar conchas; Na França a Coleção do rei Louis XIII (1635) foi considerada a maior e a mais completa coleção real do século XVIII; Maria Thereza (1717-1780), Imperatriz da Áustria, grande aficcionada às conchas, tinha um Museu em Viena; Em 1784, o botânico inglês James E. Smith comprou a coleção de conchas de Linnaeus por 1000 libras; Rara e considerada a mais bela concha do mundo é a “Glória do Mar” (*Conus gloriamaris*); Algumas conchas chegam a valer 30.000 dólares (OLIVEIRA & ALMEIDA, 2000);

1.3.7. OS MOLUSCOS E A HISTÓRIA

Carta de Pêro Vaz de Caminha ao Rei de Portugal – Porto seguro, ilha da Vera Cruz, 01 de maio de 1500: “... foram alguns buscar mariscos e apenas acharam... cascas de berbigões e amêijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira...” (REIGOTA, 2001);

Gastrópodes terrestres nativos da família Strophocheilidae, popularmente conhecidos como lbi ou Aruá-do-Mato, vêm sendo consumidos pelo homem no território brasileiro desde tempos pré-hispânicos e históricos; Escavações arqueológicas na região costeira catarinense de Laranjeiras, ao Norte de Florianópolis, revelaram que a espécie *Psiloicus oblongus* já era consumida pelos habitantes da região (da tradição Itararé), entre os séculos IX e XII, uns 7 séculos antes da chegada dos europeus portugueses, no século XVI (AGUDO, 2002);

Os imigrantes Italianos descobriram o lbi (*Psiloicus oblongus*, *Megalobulimus granulatus*) nos cafezais da região costeira do Estado de São Paulo, no início do século XX, e passaram a consumi-lo, sendo preparado da mesma maneira que os escargots/caracóis europeus.

Foram encontrados adornos com pérolas em túmulos Egípcios que datam mais de 3000 anos a C. Cleópatra usava colares de pérolas de ostras, em forma de pêras;

Os portugueses davam o nome ao *Murex senegalensis* de Múrice, como se vê na estrofe de “Os Lusíadas” de Luis Vaz da Camões (SANTOS, 1982):

“Nós da sua companhia, se mostrava
Da tinta que dá o múrice excelente
A vária cor, que os olhos alegrava.”

1.3.8. OS MOLUSCOS E A HISTÓRIA POPULAR

Nas Crendices Amazônicas, muitas caboclas amazonenses justificam “vícios secretos” com a expressão “fazer uruá” (referindo-se ao gastrópode *Pomacea* conhecido como lolô ou Aruá) que significa o mesmo que Lesbianismo (SANTOS, 1982);

Populações ribeirinhas do Estado do Pará consomem o Teredo (“turus”) – na cultura popular teria funções afrodisíacas (“viagra do mangue”);

Plínio em sua obra “História Natural” diz que viu um Tritão que buzinava através da concha de um molusco na grotta da Lusitânia (SANTOS, op. cit);

Os moluscos, em geral, são usados nas propagandas e desenhos animados de Tv e/ou como charge de humor;

1.3.9. MITOS E FABULAS: O IMAGINÁRIO MALACOLÓGICO

Sobre o imaginário, DIEGUES (1998, pág. 131), descreve: “*Esse oceano era também a morada de monstro, considerados como uma transgressão da natureza e para os quais o mar se prestava como abrigo perfeito, porque ele também afrontava Deus. A presença de monstros era constante na cartografia medieval e das descobertas e mesmo quando dela desaparece, continua na literatura sob a forma de **polvo gigantes** descritos por Júlio Verne e Vítor Hugo*”.

A contrário do mar aberto, perigoso e temido, a lagoa de Araruama:... dava o peixe, o camarão, os **mariscos**, e era boa, não comia o que era dos pobres. Era mais que uma mãe, a lagoa azul. De dentro de suas águas vinha a abundância, do fundo de suas terras, as **conchas** que queimavam (...) DIEGUES (1998, pág. 217).

1.3.10. NUTRIÇÃO: IMPORTÂNCIA ALIMENTAR DOS MOLUSCOS

Várias espécies de gastrópodes são utilizadas na alimentação humana (Trochidae, Turbinidae, Strombidae, Cassidae, Olividae, Volutidae, etc); *Helix*

pomatia o verdadeiro *Escargot* (tradução Francesa de Caracol) é muito apreciado na Europa; *Haliotis* muito apreciado no Japão e no oeste do EUA; *Thais haemastoma* é utilizada como alimento pelos Caiçaras Brasileiros;

O Brasil possui cerca de 60 espécies de moluscos comestíveis (marinhos, de água doce e terrestres);

Nas Filipinas, há regiões em que o povo consome todo tipo de moluscos, inclusive o *Conus* venenoso, que é fervido e servido com arroz (BIFANO, 1998).

Os mariscos são relativamente pobres em calorias e constitui boa fonte de proteínas, em percentagens que podem rondar os 20%, ferro (menos que a carne) e de outros minerais como o zinco e o cobre.

A maior parte das espécies também fornece uma boa quantidade de vitaminas do complexo B e Iodo e não são excessivamente ricos em Sódio. Mesmo os mariscos com mais colesterol têm pouco mais do que carne de vaca magra, vitela ou carne de porco. A quantidade total de gordura normalmente não ultrapassa os 3% e a gordura saturada é também reduzida - além de ácidos gordos da série Omega 3 (protetores face às doenças cardiovasculares) embora em quantidades reduzidas (disponível em <http://www.saudemais.pt/nutricao/0006/moluscos.html>, acesso em 21/09/2003);

Diga-se, por curiosidade, que 12 a 14 pequenas ostras fornecem 182 miligramas de zinco, aproximadamente dez vezes mais do que as necessidades diárias preconizadas. *Mytella falcata* (Mytilidae) – possui elevada quantidade de proteínas – o teor protéico equivale ao da carne de frango e de boi;

Os bivalves de água doce da família Mycetopodidae são utilizados como alimento para o homem e aves de corte (BOFFI, 1979).

1.3.11. MALACOCULTURA

Existe diversas denominações para a produção de moluscos em cativeiro e/ou fazendas: **Strophocheilicultura** – criação de Aruá-do-Mato (Ibi); **Helicicultura** (escargot) – criação do *Helix aspersa*, *Helix lucorum* e *Helix pomatia*, sendo consumidos de 50 a 100 toneladas por ano (mundo);

Ostreicultura (ostras) – aproximadamente 1.000.000 toneladas por ano no mundo; **Mitilicultura** (Mexilhão) – aproximadamente 500.000 toneladas por ano;

O Japão consome por ano 30.000 toneladas de moluscos e a França (Paris) 500.000;

A ostreicultura e a mitilicultura são atividades bem sucedidas no litoral de Santa Catarina, o autor usou espécies de bivalves da infauna, com potenciais para o cultivo. Levando-se em conta o aspecto, o sabor, a textura e a aceitação para o consumo destacando-se as espécies: *Atrina seminuda*; *Cyrtopleura costata*; *Dosinia concentrica*; *Iphigenia brasiliana*; *Lucina pectinata* e *Trachycardium muricatum* (SILVA *et al.* 1999).

1.3.12. SAMBAQUIS

Na costa brasileira ocorre grande número de pequenas elevações constituídas, predominantemente, de conchas marinhas. São conhecidas como *Sambaquis ou Casqueiros*. Chegam a atingir até 25 metros de altura, mas, em geral, não sobrepassam 6 metros. Além da dieta alimentar, aspectos culturais e paleoambientais podem ser reconstituídos a partir do melhor conhecimento da malacofauna de interesse arqueológico (MELLO, 1999).

Elemento constitutivo mais importante dos sambaquis da ilha de Santo Amaro, assim como em todo o litoral brasileiro, são as conchas de bivalves marinhos. Às vezes predominam entre elas os berbigões (*Anomalocardia*); outras vezes, as ostras (*Crassostrea*). Podem revezar-se, num mesmo sambaqui, massas de berbigões e massas de ostras, mexilhões (mitilídeos), amêijoas (*Phacoides*);

Em menor proporção, figuram também outros bivalves marinhos e gastrópodes marinhos ou terrestres. Entre os últimos, destacam-se os caramujos de "lábios côr-de-rosa" (Strophocheilidae, comumente chamados de Aruá-domato).

Sambaqui da Ilha dos Ratos, baía de Guaratuba, Estado do Paraná, por exemplo, foi datado de 1560 anos, com erro possível de 150 anos para mais ou

para menos. Sambaqui do Macedo localizado em Alexandre, também no Paraná, foi datado de 3 700 anos. O mais antigo sambaqui paranaense foi datado de 4.907 anos, com erro possível de 65 anos.

1.4. OS MOLUSCOS E SUA UTILIZAÇÃO NAS RELIGIÕES

As conchas de moluscos têm sido usadas em rituais com valor religioso e simbólico.

O deus **Vishnu**, adorado pelo povo **Hindu**, possui em um de seus braços a concha de *Xancus pyrum* (**Figura 1**), considerada um elemento sagrado do deus. Vishnu é considerado como o deus maior no hinduísmo e na mitologia indiana, ele é tido como o preservador do universo (disponível em <http://www.amorcosmico.com.br/hinduismo/divindades/vishnu.asp>, acesso em 02/05/2004).

A comunidade Hindu considera como sagrada uma concha, a qual é pesada, branca e especialmente quando tem uma espira reversa, sendo muito rara.

Os bivalves da família Pectinidae, no Peru (entre os Incas), na Inglaterra e França durante a Idade Média, na Grécia antiga (entre os Felícios e Sírios) eram utilizados em rituais religiosos ou estéticos e de inspiração para artistas.

No Brasil as formas de conchas de moluscos são utilizadas para decorar chafarizes e igrejas, principalmente nas obras de Aleijadinho. Várias civilizações na África, Polinésia, Nova Guiné, Ásia, Malásia, América do Sul (Maias) utilizaram os moluscos na fabricação de máscaras e magias em rituais religiosos.

Muitas Igrejas Cristãs usam as valvas de *Tridacna gigas*, espécie com 2m de comprimento, 70 cm de largura e pesam 200 kg, para armazenar água benta para o batismo.

É provável que a “vieira” tenha sido a maior fonte de inspiração para os artistas (BIFANO, 1998).

Na pintura em óleo sobre tela “**O Nascimento de Vênus**” de **Sandro Botticelli** (1480-1487), (BUFINICH, 2002), pode-se observar a deusa sobre a concha de um bivalve Pectinidae “vieira”.

“Da espuma do mar, fecundada pelo sangue de Urano (céu), nasceu uma jovem levada em primeiro lugar para ilha de Cítera, e em seguida para Chipre. Deusa encantadora, não tardou em percorrer a costa, e as flores nasciam sob os seus pés delicados. Chama-se Afrodite (Vênus) ou Cíteria, do nome da ilha que aportou ou ainda Cipris, do nome da ilha em que é honrada. Nas pinturas antigas, Vênus é freqüentemente representada deitada sobre uma **simples concha** (...)” DIEGUES (1998, pág. 162).

2. OBJETIVOS

2.1. GERAL:

- Compreender as relações entre o Saber Popular e o Conhecimento Científico, sobre os moluscos, no terreiro de Candomblé de Recife e Olinda, PE;

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Investigar o papel dos moluscos como importância cultural, ornamental, alimentar, farmacológico, como elemento sagrado e na simbologia dos terreiros de Candomblé;
- Analisar as concepções de natureza das crianças que participam da religiosidade do Candomblé de Recife e Olinda, com o intuito de contribuir para uma “alfabetização ambiental” de jovens e adultos dos terreiros de Candomblé;
- Desenvolver uma prática pedagógica que valorizem e explore positivamente as diversidades religiosas e culturais nos terreiros de Candomblé;
- Favorecer o uso sustentável e para a conservação da fauna de moluscos, os quais são utilizados pelos atores sociais do Candomblé de Recife e Olinda, a partir de atividades de Educação Ambiental nos terreiros;

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O pesquisador é parte fundamental na **Pesquisa Qualitativa**, assim como na sua imersão no cotidiano, a familiaridade com os acontecimentos diários e a percepção das concepções que os sujeitos têm nas representações, parciais e incompletas, mas construídas com relativa coerência em relação à sua visão e experiência.

A concepção metodológica deste trabalho se enquadra no **Estudo de Campo** e como estratégia para realização da pesquisa optamos pelo Terreiro Oba Ogunté (Sítio de Pai Adão) e o Terreiro Ilé Oloxum, respectivamente nas cidades de Recife e Olinda, considerando o sujeito e todos que fazem a comunidade afro-descendente como espaços culturais e educativos.

Neste estudo utilizou-se a **Pesquisa Fenomenológica e Etnográfica** como eixo norteador.

A **Fenomenologia** entende que entre o ambiente e o sujeito há um lugar de encontro e compartilhamento (um hábitat), isto é, um hábitat onde o mundo encontra o homem e a mulher (os habitantes), onde a mulher e o homem encontram o mundo: este *locus* é o lugar da manifestação, o lugar do “fenômeno”: o aparecimento do ser (o hábito). Em outras palavras, parece que o fenômeno é o que nos mediatiza para o mundo e que mediatiza o mundo para nós (PASSOS & SATO, 2005).

Partindo deste princípio levou-se em consideração o relato de vivências e de experiências dos atores sociais dos terreiros de Candomblé de Recife e Olinda, Estado de Pernambuco.

A **Pesquisa Fenomenológica**, como afirma SATO (2001), trabalha com os significados das experiências de vida sobre uma determinada concepção ou fenômeno, explorando a estrutura da consciência humana. Os pesquisadores buscam a estrutura invariável (ou essência), com elementos externos e internos baseados na memória, imagens, significações e vivências (subjetividade). Há uma ruptura da dicotomia “sujeito-objeto” e dos modelos exageradamente “cientificistas”.

Quanto a **Pesquisa Etnográfica**, esta trabalha com a descrição e interpretação de uma cultura, de um grupo social ou de um sistema. Caracterizada por ser uma pesquisa tradicional da Antropologia Clássica, requer cuidadosa observação ou imersão no cotidiano da população considerada, resgatando a sabedoria das comunidades e suas relações culturais (SATO, op. cit.).

“O **Método Etnográfico** é uma modalidade de investigação naturalista, tendo como base a observação e a descrição. Pretende descrever, explicar e interpretar a cultura. Outro ponto importante é o de seguir certas normas básicas, como deixar de lado preconceitos e estereótipos e agir como **participante**. Questionar sobre o que parece comum o observar o tipo de relações encontradas no meio ambiente.” (MARCONI & LAKATOS, 2004).

Os procedimentos metodológicos utilizados para coleta de dados foram:

Metodologia Qualitativa: utilizou-se a Pesquisa Fenomenológica e Etnográfica, através da **Observação Participante** e **Entrevistas** com Babalorixás e Yalorixás.

Por sua natureza interativa, a **Entrevista** permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade. A entrevista pode ser a principal técnica de coleta de dados ou pode ser parte integrante da observação participante. De um modo geral, as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1999).

Utilizou-se a entrevista não estruturada, onde o entrevistador introduz o tema da pesquisa, pedindo que o sujeito fale um pouco sobre ele, sendo eventualmente inserido alguns tópicos de interesse no fluxo da conversa.

Este tipo de entrevista é, segundo ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER (op. cit.), *usado no início da coleta de dados, quando o entrevistador tem pouca clareza sobre aspectos mais específicos a serem*

focalizados, e é frequentemente complementado, no decorrer da pesquisa, por entrevistas semi-estruturada.

Pesquisa Documental: a pesquisa bibliográfica foi realizada através do uso de Leis (Lei 10.639/2003); Documentos Históricos, livros, artigos, dissertações, revistas científicas e sites educativos.

Registro das espécies de moluscos utilizados nos terreiros de Candomblé: vários espécimes de moluscos, utilizados nos terreiros de Candomblé, foram doados pelos Babalorixás e Yalorixás, para serem identificados no nível de espécie;

Concepções e/ou Percepções de Natureza: foi feito duas oficinas pedagógicas com desenhos sobre a representação de Natureza das crianças que freqüentam os terreiros de Candomblé. A análise das figuras e frases foi baseada de acordo com as categorias descritas em TAMAIO (2002).

Excursão a Mata do Passarinho: como atividade do Projeto de Educação Ambiental nos terreiros de Candomblé, foi feito visitas e dinâmicas de grupo na Reserva da Mata do Passarinho, com o intuito de sensibilizar os atores sociais do Candomblé sobre as questões ambientais e os rituais religiosos Afro-Brasileiros.

Palestras Educativas: foram desenvolvidas palestras sobre a importância da Mata do Passarinho, assim como foi discutido a necessidade de conservação da mata e de como se devem usar os recursos naturais de forma sustentável. Foi desenvolvido palestras sobre plantas sagradas, utilizadas no Candomblé, e suas propriedades farmacológicas.

4. CARACTERIZAÇÃO DA “ÁREA DE ESTUDO” E POPULAÇÃO ALVO DA PESQUISA

Os navios negreiros transportaram através do Atlântico, durante mais de trezentos e cinquenta anos, não apenas o contingente de cativos destinados ao trabalho de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo localizadas no Novo Mundo, como também a sua personalidade a sua maneira de ser e de se comportar, as suas Crenças.

As convecções religiosas dos escravos eram, entretanto colocadas a duras provas quando de sua chegada ao Novo Mundo, onde eram batizados obrigatoriamente “*para salvação de sua alma*” e deviam curvar-se às doutrinas religiosas de seus mestres.

A extraordinária resistência oposta pelas religiões africanas às forças de alienação e de extermínio com que freqüentemente se defrontavam haveria de surpreender a todos aqueles que tentavam justificar a cruel instituição do tráfico de escravos com o argumento de que a suas atividades – as dos negreiros – “constituíam o meio mais seguro e mais desejável de conduzir à Igreja as almas dos negros, o que seria mais recomendável do que os deixar na África, onde se perderiam num paganismo degradante ou estariam ameaçados pelo perigo da sujeição herética às nações estrangeiras, para onde seriam, no mínimo, deploravelmente enviados” (CUNHA-JUNIOR, 1992).

As primeiras menções as **Religiões Africanas** no Brasil são de **1680**, por ocasião das pesquisas do Santo Ofício da Inquisição, quando “Sebastião Barreto denunciava o costume que tinham os negros, na Bahia, de matar animais, quando de luto, para lavar-se no sangue, dizendo que a alma, então, deixava o corpo para subir ao céu”.

Por volta de **1780**, em documentos relativos a esse mesmo Santo Ofício, há menções sobre “pretas da Costa da Mina que faziam bailes às escondidas, com uma preta mestra e com altar de ídolos, adorando bodes vivos, untando seus corpos com diversos óleos, sangue de galo e dando a comer bolo de milho depois de diversas bênçãos supersticiosas”.

Não se sabe com precisão a data de todos esses acontecimentos, pois no **início do Século XIX**, a religião católica era ainda a única autorizada. As reuniões de protestantes eram toleradas só para os estrangeiros; o islamismo, que provocara uma série de revoltas de escravos entre 1808 e 1835, era formalmente proibido e perseguido com extremo rigor; os cultos aos deuses africanos eram ignorados e passavam por práticas supersticiosas. Tais cultos tinham um caráter clandestino e as pessoas que neles tomavam parte eram perseguidas pelas autoridades.

A população de origem africana (ex-escravo) é da ordem de 60% do total da população brasileira, sendo constituído de um longo contingente de negros mestiços (CUNHA-JUNIOR, 1992). Embora a abolição da escravatura tenha ocorrido a mais de 100 anos, o Brasil não logrou romper completamente com as contradições escravocratas, dificultando a transição do ex-escravo para um cidadão no sentido amplo e não apenas constitucional.

4.1. CULTURA E RELIGIÃO NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DE RECIFE E OLINDA, PERNAMBUCO

O presente trabalho foi desenvolvido em 3 terreiros de Candomblé, sendo **Yemanjá Ogunté** “Sítio de Pai Adão” no Recife, **Ilé Oloxum** e **Nosso Senhor do Bonfim** em Olinda (Figura 5 e 6).

Na segunda metade do Século XIX chega a Recife, vinda de Oyó, a negra Ifatinuke, responsável pela Fundação, em **1875**, do primeiro terreiro de Xangô em Pernambuco, o **Terreiro Yemanjá Ogunté**, hoje mais conhecido como Sítio de Pai Adão (AMARAL, 2005), está localizado na estrada velha, no bairro de Água Fria, Recife-PE. Foi graças a esta Casa que a **Cultura da Nação Nagô** se manteve viva em Pernambuco, sendo este Terreiro um dos grandes marcos da resistência negra no Estado, e terreiro fundado no Brasil. Os dois primeiros terreiros fundados no Brasil, estão localizados em Bahia.

Consagrado a Yemanjá, foi tombado pelo Governo do Estado, em **1986**, como patrimônio histórico e cultural (FUNDARPE, 1994), sendo referência

nacional em estudos e pesquisas da religião afro-brasileira, contando com mais de 1.000 adeptos, entre Babalorixás, Yalorixás e Filhos de Santo.

Hoje, além de conservar as tradições religiosas, o Sítio desenvolve um trabalho com jovens e crianças no Centro Cultural Afro Pai Adão, por meio do “Afoxé Povo de Ogunté” e do “Maracatu Raízes de Pai Adão.” Com a missão de preservar, resgatar e demonstrar e sua resistência nos dias atuais.

No caso do terreiro Yemanja Ogunté, o pai do terreiro que lhe deu notoriedade foi Felipe Sabino da Costa, também conhecido como pai Adão, sacerdote possuidor de personalidade especial, exercendo funções inclusive de juiz, conselheiro e médico.

O terreiro é o local de reuniões, os elos necessários ao culto dos orixás e onde a memória afro-brasileira é aquecida através dos rituais que podem ser diários ou cíclicos (DIAS, 2005).

As instalações físicas do terreiro em muito pouco se diferem dos mocambos espalhados pelos subúrbios do Recife. Os prédios destinados aos cultos são construções de época e materiais diversos como taipa, tijolos, coberta com telha canal e francesas demonstrando a construção simples e precária.

Contando com mais de 70 filiais no País e uma em Portugal, o Terreiro Yemanja Ogunté um dos mais respeitados do Brasil. Personalidades como Seu Valfrido, Ogan de 89 anos, Dona Djanira, Yalorixa de 88 anos, e Tia Mãezinha – Yalorixa, também, filha de Pai Adão - sabedores de rituais e conhecedores das histórias estão vivos para contá-las.

Foi do Terreiro de Pai Adão que saiu rumo ao Mar, no início da **Década de 30**, a primeira panela em homenagem a Yemanjá, incentivando outros terreiros a fazer este tipo de oferenda aos Orixás. Só após o toque pra Iemanjá no Terreiro Yemanja Ogunté é que os outros terreiros reverenciam a Senhora do Mar.

O terreiro de **Ilé Oloxum** está localizado no bairro do Passarinho, Olinda-PE, tendo como responsável o Babalorixá Senhor Genivaldo, mais conhecido como Pai Vadinho, sendo líder comunitário e cultural de Olinda. Este terreiro é raiz do Sítio de Pai Adão (**Yemanja Ogunté**).

O terreiro **Nosso Senhor do Bomfim** (Oxalá), está localizado no bairro de Águas Compridas na cidade de Olinda-PE. Sendo um marco de resistência na religiosidade do Candomblé, com sua líder religiosa, fundadora, Mãe Lídia que foi torturada na década de 30 por ser praticante da religião Afro-Brasileira.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. AS PERCEPÇÕES DOS BABALORIXÁS E YALORIXÁS DO CANDOMBLÉ SOBRE OS MOLUSCOS

Existe um domínio da vida que pode ser entendida como vida por excelência: é a vida do cotidiano (senso comum) (BOCK *et. al.*, 1995). É no cotidiano que tudo flui, que as coisas acontecem, que nos sentimos vivos, que sentimos a realidade.

“O Cotidiano e o Conhecimento Científico que temos da realidade aproxima-se e se afastam: aproximam-se porque a Ciência se refere ao real; afastam-se porque a Ciência abstrai a realidade para compreendê-la melhor, ou seja, a Ciência afasta da realidade, transformando-a em objeto de investigação (BOCK *et al.*, op. cit)”.

Com intuito de investigar na realidade a presença dos moluscos no cotidiano do Candomblé, nesta pesquisa foram entrevistados 4 **Babalorixás** (homens) e 3 **Yalorixás** (mulheres), buscando compreender as suas concepções sobre a importância e o uso destes animais nos terreiros de Candomblé de Recife e Olinda (Ver em Anexo as transcrições completas das entrevistas).

Dos sete entrevistados, todos afirmam a importância dos moluscos nos rituais dos terreiros de Candomblé (ver **Quadro I**), principalmente os 4 mais sagrados moluscos, **Cauri**, **Ibi**, **Aruá** e o **Ikoto**.

É importante evidenciar que todos os moluscos utilizados nos rituais religiosos do Candomblé, devem passar pelo **Amassi**, ou seja, deve ser lavados com extratos de folhas de vegetais sagrados ao seu Orixá.

Quadro I – Os Orixás, o uso e a importância dos moluscos nos terreiros de Candomblé.

Orixá	Molusco (nome popular e científico)	Uso e Importância do molusco na Religião do Candomblé
<p>EXU (Bará): dono das encruzilhadas; abridor dos caminhos; representa a força vital que movimenta o Universo; mensageiro dos orixás; Orixá da sensualidade.</p>	<p>Cauri ou búzio - <i>Cypraea</i> sp.</p> <p>Ibi (<i>Psiloicus</i> sp. ou <i>Megabulinus</i> sp. ou <i>Achatina fulica</i>)</p>	<p>Uso no assentamento; a Estátua de Exu é decorada com este molusco (por exemplo, os olhos, dentes, nariz são representados pelos cauris);</p> <p>É usado para tirar a fúria de Exu; no assentamento;</p>
<p>OGUM: dono do trabalho em metal e da agricultura; domínio das tecnologias;</p>	<p>Cauri ou búzio - <i>Cypraea</i> sp.</p>	<p>No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Ogum; Decoração do Capacete, do Peitoral (escudo) e no Axó (roupa); Usado no Contregum (pulseira feita com palha da costa e cauris);</p>
<p>YANSÃ: dona dos raios, ventos, tempestades e das águas.</p>	<p>Cauri ou búzio - <i>Cypraea</i> sp.</p> <p>Ibi (<i>Psiloicus</i> sp. ou <i>Megabulinus</i> sp. ou <i>Achatina fulica</i>)</p>	<p>No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Yansã; Decoração do Adê e do Axó;</p> <p>Assentamentos e no tratamento de problemas de loucura e de doenças graves;</p>
<p>XANGÔ: orixá do trovão, do fogo e da justiça.</p>	<p>Cauri ou búzio - <i>Cypraea</i> sp.</p>	<p>No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Xangô; Decoração do Axó e da Coroa;</p>
<p>OXUM: dono da água doce; do ouro, riqueza, do amor e da vida; dono da maternidade (da concepção até a primeira infância);</p>	<p>Cauri ou búzio - <i>Cypraea</i> sp.;</p> <p>Búzio chapéu - <i>Strombus goliath</i> Schröeter, 1805;</p> <p>Búzio - <i>Strombus gallus</i> Linnaeus, 1758</p> <p>Búzio - <i>Cassis tuberosa</i> (Linnaeus, 1758)</p>	<p>No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Oxum; Decoração do Adê e do Axó; do Abebé (espelho todo decorado com cauris);</p> <p>Decoração dos altares;</p> <p>Decoração dos altares;</p> <p>Decoração dos altares;</p>

<p>OXUM</p>	<p>Búzio - <i>Charonia variegata</i> (Lamarck, 1816)</p> <p>Búzio - <i>Chicoreus spectrum</i> (Reeve, 1846)</p> <p>Búzio - <i>Vasum cassiforme</i> (Kiener, 1841)</p>	<p>Decoração dos altares;</p> <p>Decoração dos altares;</p> <p>Decoração dos altares;</p>
<p>YEMAJÁ: dona dos marés; da maternidade e da fertilidade;</p>	<p>Cauri ou búzio (<i>Cypraea</i> sp.);</p> <p>Búzio chapéu - <i>Strombus goliath</i> Schröeter, 1805;</p> <p>Búzio - <i>Strombus gallus</i> Linnaeus, 1758</p> <p>Búzio - <i>Cassis tuberosa</i> (Linnaeus, 1758)</p> <p>Búzio - <i>Charonia variegata</i> (Lamarck, 1816)</p> <p>Búzio - <i>Chicoreus spectrum</i> (Reeve, 1846)</p> <p>Búzio - <i>Vasum cassiforme</i> (Kiener, 1841)</p>	<p>No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Yemajá; decoração de altares; Adê e do Axó;</p> <p>Decoração dos altares;</p>
<p>NANÃ: avó de todos os Orixás; orixá das profundezas;</p>	<p>Cauri ou búzio (<i>Cypraea</i> sp.);</p> <p><i>Pomacea lineata</i> (Spix, 1827)</p>	<p>No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Nana; decoração do Adê e do Axó; Opaxorô (tipo de "cajado");</p> <p>Oferece no Orí (cabeça) das pessoas que estão com problemas de loucura e no tratamento de doenças em geral;</p>

NANÃ	Ibi (<i>Psiloicus</i> sp. ou <i>Megabulinus</i> sp. ou <i>Achatina fulica</i>)	Assentamento e no tratamento de problemas de loucura e de doenças graves;
OBALUAIÊ (Xaponã): médico dos pobres (protetor de doenças epidêmicas); tem o dom da vida e da morte;	Cauri ou búzio (<i>Cypraea</i> sp.);	No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Obaluaiê; Na decoração do Axó com palha da costa e cauris; Opaxorô (tipo de “cajado”);
OSSANHA: dono das folhas; protetor das doenças internas, pernas e ossos;	Cauri ou búzio (<i>Cypraea</i> sp.);	No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Ossabha;
OBÁ: Orixá ioruba semelhante à Oya. Orixá do rio Obá, foi a terceira das esposas de Xangô, e também mulher de Ogum. Segundo uma lenda de Ifá, Obá era muito enérgica e forte, mais que alguns orixás masculinos, vencendo na luta, Oxalá, Xangô e Orunmilá.	Cauri ou búzio (<i>Cypraea</i> sp.);	No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Oba; decoração do Adê e do Axó;
OXOSSI: protetor dos animais e das caças;	Cauri ou búzio (<i>Cypraea</i> sp.);	No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Oxossi; decoração da coroa e do Axó;
OXALÁ: pai de todos os orixás; da vida, da paz e da visão;	Cauri ou búzio (<i>Cypraea</i> sp.); <i>Pomacea lineata</i> (Spix, 1827) Ibi (<i>Psiloicus</i> sp. ou <i>Megabulinus</i> sp. ou <i>Achatina fulica</i>)	No assentamento; Na mão de jogo de filhos de Oxalá; Usado no tratamento de problemas de loucura e doenças em geral; Assentamentos e no tratamento de problemas de loucura e de doenças graves;

A partir dos relatos das experiências do Babalorixás e Yás, podemos evidenciar os seguintes aspectos sobre a utilização do moluscos na religião Afro-Brasileira, Candomblé:

5.1.1. O Cauri (Buzios, Buzo) – *Cypraea* sp. (Mollusca, Gastropoda, Prosobranchia, Mesogastropoda, Cypraeidae) (Figura 7)

Na religião afro-brasileira do Candomblé, o Cauri é o molusco mais sagrado, representando força, poder e sabedoria. A concha é usada para **Ifá** (Orixá da adivinhação), para a palavra do **Oxalá** e para todo o tipo de iniciação (**Oborí**) até a finalização (**Axêxê**);

São usados nos **Assentamentos**. “Elas vão dentro de uma cabaça, com terra, que representa a criação do mundo. É colocada entre a porta da entrada das casas ou acima da porta da casa” (comunicação pessoal do Babalorixá Toinho de Oxum) (em Anexo as transcrições das entrevistas com os Babalorixás e Yalorixás).

Nos assentamentos e Altares (pedras “**Ibá**”) tem sido utilizado várias espécies de gastrópodes marinhos (**Altar de Yemanjá**) e de água doce, tais como as conchas de *Pomacea* sp. (lôlô ou aruá) e também conchas marinhas (**Altar de Oxum**) (Figura 8). Vale salientar que o gênero *Cypraea* sp. (Cauri) é utilizado em todos os tipos de assentamentos de todos os Orixás.

São também utilizados no **Jogo de Búzios** (Sistema de Oráculo), é “*considerado o coração da religião*” (comunicação pessoal da Yalorixá Mãe Lau de Oxalá);

É o meio de comunicação com os Orixás, principalmente **Exu** “*não é para todo mundo, a importância é muito grande, não é um troféu (...) o Buzio (cauri) é uma coisa muito sagrada determinada por Exu*” (comunicação pessoal do Babalorixá Pai Toinho de Oxum);

Vários Buzios pequenos dentro de uma bolsa eram colocados nos pés de **Xangô** (comunicação pessoal da Yalorixá Tia Maezinha);

O Cauri tem sido utilizado na fabricação do “*Anel de Formatura*” o qual indentifica o iniciado no candomblé, com mais de 7 anos de feito, ou seja, já tem

recebido **Deka** (significa que este já é um Babalorixá ou Yalorixá, podendo abrir seu próprio terrero e iniciar seus filhos);

Está presente no estandarte do **Maracatu**, uma vez que este surge dos terreiros de Candomblé “os Buzios estão lá representando esse ritual, essa religião, e é forte os Buzios no Estandarte do Maracatu” (Babalorixá Manoel Nascimento Costa) (**Figura 9**). Os estandartes do **Maracatú** e **Afoxé**, são “bordados” ornamentados com moluscos (*Cypraea* sp.), quanto mais *Cypraea* maior é o Status de nobresa;

Os dologuns (búzios, cauri) que geralmente são colocados no estandarte do **Maracatu** e **Afoxé**, é demonstrando riqueza, pois antigamente os pagamentos eram feitos com búzios, tanto em Pernambuco com em Bahia demonstra poder, riqueza e nobreza. Quanto maior o número de búzios no estandarte maior o poder de nobreza (Comunicação Pessoal de Rivaldo Pessoa, Ogã presidente do Afoxé Ogun Toperinã).

Ele faz parte do **Ibá**, pode ser chamando de “*Cuia Astral*” do filho de santo. É onde ele tem sintonia e energia com o Orixá; Usado com finalidade de fortificação, de ciência de visão, de saúde e pra acalmar a casa “destino da casa”;

Está presente nas **Amarrações das Guias** (tipo de colar); nos **Adinãs** (missangas ou contas, ou colar) o qual é usado no pescoço e nos **Mocões** “pulseiras” de braços, feito de buzios e palha da costa (Buriti). A espécie *Cypraea zebra* é usada nos colares, adornos e adereços dos filhos de **Orixalá** (mesmo que **Oxalá**) (**Figura 10**);

A *Cypraea* é utilizada nos **Adê** “coroa” utilizada para a saída (apresentação) do iniciado no Candomblé ao público (**Figura 10**); Já serviu de dinheiro na África, trocava por milho, trigo, e trocava para fazer roupas (véstimes);

5.1.2. O Ibi – (Igbín, Aruá-do-Mato, Ibi Africano ou Caracol Gigante Africano)

Essa espécie de caracol do mato “vegetariano” simboliza a fecundidade, principalmente nas oferendas para **Oxalá**, mas pode também ser usado para **Yemanjá** (afirmação feita por todos os entrevistados);

Chamado de “*Boi de Oxalá*”, “*Boi Manso de Sangue Branco*” nas oferendas do **Fanti-Ashanti**, nação de Candomblé praticado no Maranhão. “*Requer um grande ritual com muita cerimônia e resguardos. As pessoas tiram de 7 a 21 dias sem sexo, sem bebida e sem fumo e passam pelo menos 7 dias na casa do Orixá, daí o poder desse molusco*”, afirma o Babalorixá Manoel Nascimento Costa;

Também conhecido como “*Ibin de Orixalá*”, antigamente utilizava-se “buzios vivos dentro de uma bacia nos pés de Oxalá, Yemanjá e Oxum” (comunicação pessoal de Yalorixála Tia Maezinha);

É usado para tirar a **fúria de Exu**, nos assentamentos, no **sacrifício de NãNã**, nos problemas de loucura e de **doenças graves**:

Eu conheço um **Ebó** que foi feito pra uma pessoa que estava na porta da morte, eu não daria nada que aquela pessoa sobrevivesse, e a pessoa me pediu ajuda, eu disse: - Olha, eu vou colaborar mais não sei, mais pra ajudar a acalmar, pois a pessoa estava na porta da morte, pra que parta, em paz e a pessoa levantou-se até hoje. Mas a, pessoa que fez, fez com tanta fé e usou tantas palavras sagradas que eu não duvidei, mas, já fez no intuito que a pessoa descansasse, que não agonizasse tanto pra morrer em paz. E a pessoa levantou do dia pra noite, e mim deixou com mais confiança, eu não usei o ritual daquela pessoa mais guardei bem; depois eu mim formei porque foi feito aquele trabalho e ele mim disse que só tinha dois caminhos ou partia em paz ou se levantava de uma vez. O que ocorreu! (...) : gente eu não posso acreditar que um molusco daquele, pode levantar a vida de uma pessoa, porque o médico dele tinha desenganado, tinha dito a mãe da pessoa, olhe a senhora prepare a roupa, deixe o documento dele tranqüilo que ele já tá realmente no leito de morte, tudo que a gente tá fazendo já não é pra salvar a vida, a gente tá dando uma morte digna pra ele porque já esta emtubado, é muito difícil pra senhora como mãe escuta essa palavra, mas amanhã se ele entrar em óbito a gente comunica, e não adianta a senhora insiste

na porta do Hospital (comunicação pessoal do Babalorixá Pai Toinho de Oxum);

Pessoas que tinha sido considerado desenganado pelos médicos e usou o 'serviço' com Ibin, a pessoa levantou e ficou curada ... tenho um filho de Santo que o médico dizia que ele estava condenado com arritmia no coração. Tinha 3 cateterismo e se fez pra ele o serviço e ele até hoje já faz 10 anos dele feito e nunca mais ele teve nada no coração. Inclusive é um filho de Yansã. Graças a deus, **Yansã e Oxalá**, que botou a mão em cima e ele está curado (comunicação pessoal da Yalorixá Mãe Lau de Oxalá).

O Ibi verdadeiro (Aruá-do-Mato do gênero *Psiloicus* sp. ou *Megabulinus* sp.) tem sido utilizado como animal sagrado no Candomblé. No entanto este molusco está ameaçado de extinção devido a caça predatória e a destruição dos ecossistemas.

“O Ibin mesmo, esta difícil aqui, eu acho que aqui não tem não, só na Mata é bicho da mata mas eu nunca mais vi não, no tempo do meu pai tinha cada um grande, enorme tinha vez, que ele chegava a ficar todo abertinho mesmo bonitinho é ele dentro da garapa, fica ali dentro e ali se abri todinho pra beber aquele “**Assadake**” (água, mel e fubá) (comunicação pessoa da Yalorixá Tia Mãezinha).

No final da década de 80, o caracol gigante Africano (*Achatina fulica*) foi introduzido no Brasil visando o cultivo e a comercialização como “escargot” (TELLES *et al.*, 1997), sendo atualmente registrado em quase todo o território brasileiro (ABÍLIO, 2004). Esse caracol tem sido comercializado como o “Ibi sagrado”, como substituição da espécie nativa do Brasil.

“O Ibi Africano (*Achatina* sp.) pode ser utilizado, em ultimo caso, mas o Ibi verdadeiro (*Psiloicus* sp. ou *Megabulinus* sp) é que deve ser utilizado nos rituais sagrados” (comunicação pessoal dos Babalorixás Manoel Nascimento da Costa e Pai Vadinho).

O manuseio do *Achatina* acabou por fazer com que esse animal se alastresse nos ambientes naturais. Sua alta fecundidade, por ser um animal hermafrodita, pode produzir até 500 ovos por ano, e seu hábito alimentar amplo,

herbívoro generalista, fez com que a população desses animais crescesse exponencialmente e se alastrasse rapidamente, sendo hoje em dia considerados pragas, atacando lavouras, hortas e até mesmo jardins em áreas urbanas (PAIVA, 1999).

Este gastrópode representa uma séria ameaça à saúde pública, pois é hospedeiro intermediário do nematódeo *Angiostrongylus cantonensis*, causador de um tipo de Meningite Eosinofílica (Angiostrongilíase Meningoencefálica) (TELLES *et al.*, 1997).

Em condições experimentais, *A. fulica* pode ser um potencial hospedeiro do nematódeo *Angiostrongylus costaricensis* causador da Angiostrongilíase Abdominal (CARVALHO *et al.*, 2003), que no Brasil pode ser transmitida por outras espécies de moluscos terrestres, principalmente os da Família Veronicellidae (SOUSA & LIMA, 1990).

Portanto uma campanha de esclarecimento da população, assim como um trabalho de Educação Ambiental nos terreiros de Candomblé, que utilizam esse molusco nos seus rituais se faz necessário e urgente.

5.1.3. O Aruá ou Uruá – *Pomacea lineata* (Spix, 1827) (Mollusca, Gastropoda, Prosobranchia, Mesogastropoda, Ampullariidae) (**Figura 12**).

Chamado de “Bicho da lama”, é um dos **Ebós** (a oferenda) mais fortes de **Nana**.

Oferece no **Orí** (cabeça) das pessoas que estão com problemas de loucura, nas doenças incuráveis “*mas bem doentes mesmo*” (comunicação pessoal do Babalorixá Manoel Nascimento Costa);

“O aruá é passado no corpo e o despacho em Mangue, em árvores, enrolado em uma esteira” (comunicação pessoal do Babalorixá Pai Toinho de Oxum);

Na falta do Ibin, tem sido utilizado o aruá para oferecer a Oxalá, “*pega o molusco, cozinha com Arroz e bota em cima de **Orixalá** (...) o aruá tem pessoas*

que comem, mas o Ibin nunca vi ninguém comendo não, só é para Orixalá” (comunicação pessoal da Yalorixá Tia Maezinha);

O aruá tem sido usado na cura de doenças, tal como nas descrições abaixo:

“Então a gente fez o **Ebodinã** (que é feito com o Aruá e **Maruô** - palha do Dendê bem nova - que corta e cozinha, fura ele todinho e coloca todo enfeitadinho nos pés de **Oxalá**). Graças a Deus ele se levantou e hoje está vendendo saúde, todo ano ele faz as obrigações dele e cumpre o compromisso dele com **Yansã** que ele é de Yansã com Oxalá. Tudo tem que ter a fé. Sem fé, não consegue nada. Seja qual for a religião” (comunicação pessoal da Yalorixá Mãe Lau de Oxalá).

Misticamente eu ainda não vi o uso do Aruá como remédio, ou alguma coisa que possa ser passado no corpo, mas vi um trabalho feito por ele, tirar duas pessoas da UTI através da cerimônia feita com esse Aruá. Foi uma cerimônia feita para Oxalá.. (Comunicação Pessoal do Yaô e Pesquisador das Religiões Afro, Alexandre Lomi Lodo).

A carne e os ovos do gastrópode *Pomacea lineata*, conhecido na região Nordeste do Brasil como lólô, Aruá ou Uruá, tem sido utilizado no **tratamento da Asma, Tuberculose e Disenteria** (ABÍLIO, 1994).

“O finado “Zé de Mãe” tinha umas **crises de Asma** que os médicos não conseguia curar e em uma dessas crises ele estava no terreiro de Mãe Lídia que nessa época era no “Alto do Pascoal” e fizeram um **Ebô com Aruá**, eu ainda mim lembro o chá que ele tomou o sumo da hortelã miúda com mel de abelha, depois ofereceram o **Aruá**, na cabeça dele fazendo esse “Ebô Icu”, não sei se ele teve depois, mais passou muito tempo sem ter esse problema” (Comunicação pessoal do Babalorixá Manoel Nascimento Costa).

Os moluscos do gênero *Pomacea*, são considerados magníficos fornecedores de minerais ao organismo (devido ao seu alto teor em cálcio e

fósforo), dada a alta percentagem em substâncias inorgânicas e diversidade das mesmas (MESQUITA, 1982).

Tanto pela qualidade quanto pela quantidade de seus protídeos o molusco é um ótimo alimento reparador.

VASCONCELOS (1956, 1959) referiu que o interesse econômico da família prende-se principalmente à alimentação humana, devido seu elevado valor energético, no que se refere ao teor protéico comparativamente com o de outros animais; possui 16 aminoácidos dos quais 50% são essenciais ao Homem, ou seja, não são sintetizados pelo organismo, além da presença de glicídios (glicogênio), vitaminas A (ou pró-vitaminas A); B1; B2; D; e substâncias inorgânicas, tais como, ferro (acentuada), traços de alumínio e presença provável de zinco.

Em estudos Químico-Bromatológicos de moluscos do gênero *Pomacea*, chegou-se à conclusão de que o mesmo possui propriedades terapêuticas, sendo com tal fim utilizado em xarope que curaria a tuberculose (MESQUITA, 1982). Outra ação medicamentosa atribuída ao molusco, é a cura da asma pelos ovos dos mesmos.

Em regiões do Norte e Nordeste do Brasil, onde é conhecido por "aruá" ou "lolô", o povo emprega os ovos do molusco, em beberagens contra "as doenças do peito" (ABÍLIO, 1994).

No Pará e Ceará é usado o "lambedor de ampulária" para tosse. Na Argentina, em certas regiões, o povo usa-os contra a desinteira.

Na fala do cotidiano dos Babalorixáss e Yalorixás, percebe-se muito do conhecimento científico. Portanto, estes dois tipos de conhecimento não se contrapõem.

5.1.4. O IKOTO (principalmente *Achatina* sp.?)

Entre o povo Yoruba na Nigéria, várias espécies de moluscos têm sido utilizadas na fabricação de Máscaras religiosas, chamadas de ***Egungun***.

Ikoto é uma palavra Yoruba que significa “pequeno molusco terrestre”, sendo este considerado sagrado e utilizado na fabricação de máscaras (**Figura 13**). Pela semelhança e conversa com os Babás e os Yás acreditamos que o Ikoto pode ser o molusco africano *Achatina* sp.

Para o povo Yoruba, as partes moles e o líquido produzido pelo Ikoto têm qualidades medicinais. Quando o líquido do molusco é aplicado sobre a cabeça de uma pessoa que tem “dificuldades”, seu destino é acalmado e/ou aliviado.

Ikoto é usado a casca (concha) dele pra fazer um pó, é um pó de **Orosum**, que risca o **Odum**, serve pra guardar o cabelo do Yaô...(o molusco) é aquele redondinho, compridinho, chamado Ikoto, é usado também pra banho, pra filho de **Oxalá**, pra tirar fúria do peso de **Ogum**, de uma cabeça de **Exu**, que tá muito perturbada; em banho, como sinal gráfico, em Patuá, pra uma pessoa que é muito nervosa esse aqui é o pó do molusco Ikoto (mostrando o Patuá com o pó), eu às vezes sou muito impaciente e uso um pouco pra tranqüilidade....Então aqui tem encantamento, então isso significa que é pra eu ter controle, pra eu não alterar, não exaltar.... eu não sou exaltado mas às vezes eu fico preocupado quando eu vejo uma pessoa agitada eu digo calma, gente calma (comunicação pessoal de Pai Toinho de Oxum).

O Ikoto (também chamado de **Okoto**) está associado a imagem de **Exú Ijelú** e com ligação com o orixá Oxalá, exatamente por este ser uma espécie de caracol cuja base é aberta num só pé (SANTOS, 1991). Um único ponto de apoio, abre-se a cada evolução, mais e mais até converte-se numa circunferência aberta para o infinito.

5.2. A EXPLORAÇÃO DA FAUNA DE MOLUSCOS E A EXTINÇÃO DE ESPÉCIES NO ESTADO DE PERNAMBUCO

Através de entrevistas, relatos, pesquisas bibliográfica, fotografias e coletas do material *in loco* podemos constatar que os moluscos são utilizados pelos atores sociais do Candomblé com diferentes propósitos.

Aliado a isso, os moluscos marinhos, gastrópodes principalmente, são importantes comercialmente devido a sua utilização como alimento, na fabricação de objetos e adornos e de medicamentos à base de cálcio.

É importante enfatizar que os terreiros de Candomblé não são responsáveis pelo estado crítico de extinção destas espécies de moluscos.

A caça predatória para fins diversos e os impactos ambientais sobre os ecossistemas onde estes moluscos ocorrem são os principais responsáveis por isso.

Devido ao uso e coleta desses animais de forma indiscriminada, só no estado de Pernambuco existe atualmente **6 espécies** de gastrópodes ameaçados de extinção (**Quadro II**), sendo todas estas utilizadas nos terreiros de Candomblé, com fins variados.

Quadro II – Moluscos Gastrópodes marinhos ameaçados de Extinção no estado de Pernambuco (de acordo com TENÓRIO *et. al.*, 2002).

Espécie de Gastrópode	Importância
<i>Strombus gallus</i> Linnaeus, 1758	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizados na alimentação humana; • Ornamentação em geral; • Usado nos altares de Yemanjá e Oxum no Candomblé;
<i>Strombus goliath</i> Schröeter, 1805	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentação humana; • Ornamentação (abajures entre outras); • Usado nos altares de Yemanjá e Oxum no Candomblé;
<i>Cassis tuberosa</i> (Linnaeus, 1758)	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentação humana; • Ornamentação (abajures entre outras); • Usado nos altares de Yemanjá e Oxum no Candomblé;
<i>Charonia variegata</i> (Lamarck, 1816)	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentação humana; • Ornamentação em geral; • Usado nos altares de Yemanjá e Oxum no Candomblé;

<i>Chicoreus spectrum</i> (Reeve, 1846)	<ul style="list-style-type: none"> • Ornamentação; • Usado nos altares de Yemanjá e Oxum no Candomblé;
<i>Vasum cassiforme</i> (Kiener, 1841)	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentação humana; • Ornamentação; • Usado nas decorações dos altares de Yemanjá e Oxum no Candomblé;

5.3. OS MITOS E A SIMBOLOGIA SOBRE OS MOLUSCOS NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Dentro da Religião Candomblé, o simbolismo está presente no seu cotidiano.

As estórias e mitos sobre os moluscos são comuns na literatura, desde o polvo gigante, destruidor dos navios nas civilizações antigas (DIGUES, 1998) até a famosa história africana de que caracol foi castigado para carregar sua casa nas costas por toda a sua vida, por ter chegado atrasado na assembléia dos animais nas savanas do rei Elefante (SANTOS, 1982).

“Os búzios (*Cypraea*) são feitos mariscos, eles tem vida, mas não são comestíveis, eles só morrem, me parece depois que eles saem da água, ele tem pouco tempo de vida” (comunicação pessoal do Babalorixá Manoel Nascimento Costa);

“Exu dizia que os Búzios saiam do mar como formigas e que ele invadiu tanto, que o tanto de formiga no mundo era o que tinha de Búzio. Em todo lugar sairia muito. Exu as vezes gostava, mas se irritava porque saiam muitos”..... “Ele, o molusco, é o principio do mundo porque o molusco caminhou, ele fez a “caminhação”, que ele veio caminhado fazendo uma estrada pra o início do mundo” (comunicação pessoal do Babalorixá Pai Toinho de Oxum).

Analisando a concepção popular do Babalorixá Pai Toinho de Oxum com o conhecimento científico, os moluscos representam o segundo maior filo, em

termos de diversidade de espécies do reino animal (BRUSCA & BRUSCA, 2002), ficando atrás apenas dos insetos.

E mais interessante ainda, a partir dos estudos sobre a radiação adaptativa dos moluscos, ao longo da evolução do filo, como relatado por RUPPERT & BARNES (1996), fica mais evidente ainda a idéia de que o Saber Popular não se distancia do Conhecimento Científico.

“(....) Considerando a larga variedade de **habitats que os Gastrópodos invadiram**, eles constituem certamente a classe de moluscos de maior sucesso. As **espécies marinhas (....) invadiram a água doce** e os caramujos e vários outros grupos **conquistaram a terra (....)**. (RUPPERT & BARNES, 1996, p. 371).

No simbolismo do Candomblé, a Columela (eixo central das conchas dos Gastrópodes) (**Figura 14**) pode representar o início e fim da vida para Exu, ou seja, a **Triangologia** do princípio/fim em si para Exu.

A importância dos moluscos no Candomblé, principalmente o Ibi ou o Ikoto, vem desde a “**Cosmogonia**” dos Nagôs, que remota a história da **criação do Universo**, que é quando o Imolê Exu em sua forma de Exu Okoto, ele vem através de uma simbologia muito específica que é a simbologia do molusco Ibi que é aquele **Circulozinho** (columela) que começa em um ponto único e expande para o Universo. Essa é uma das simbologias principais do Exu Okoto, aliás, talvez a principal que vem através da mensagem que realmente Exu é o ponto de início do Universo e para aonde o Universo se expande.....

Dentro de um contexto simbólico o Ibi ele tem uma tendência, quando você quebra a casquinha (concha) você vai ver dentro da casquinha a simbologia do dinamismo de Exu que é basicamente os **Triagolozinhos** (columela) que forma a casquinha deles por descendência e descendência (Comunicação Pessoal do Yaô e Pesquisador das Religiões Afro, Alexandre Lomi Lodo).

5.4. OS MOLUSCOS NO JOGO DE BÚZIOS: RELIGIÃO, CONHECIMENTO E PSEUDO-CIÊNCIA?

O vocábulo **Búzios** vem do latim, Baccinum. O jogo de Búzios é uma prática utilizada como forma de adivinhação. É jogado apenas por Babalorixá ou Yalorixá que se utilizam 4, 16 ou 32 búzios (Cauri – Cypraea sp. - pequenas conchas peroladas, de forma ovalada, sendo que num dos lados apresenta uma fenda serrilhada, o lado fechado e noutro, uma aparência abaulada, denominado lado aberto) (RIOS, 1994).

Embora as conchas de Cypraea sp. seja encontrada em quase todas as praias do Brasil (THOMÉ et al., 2004) essa prática só pode se realizar com as conchas que chegam diretamente da África.

O Babalorixá Manoel Nascimento Costa afirma que já ouviu falar dos “Buzios nacional”, mas os Buzos utilizados no jogo de Búzios são Africanos.

Para o Babalorixá ou a Yalorixá existem duas formas de leitura de queda de búzios: o “Buzo Macho” (quando o lado da concha fica evidente a Columela do molusco – eixo central de sustentação da cocha, a qual representa o falo) e o “Buzo Fêmea” (quando o lado da concha que fica evidente é a abertura da concha – semelhança com a Vagina).

Cada Orixá tem uma queda de búzios própria, que dependendo da forma e localização com que ficam dispostos estabelecem uma configuração, influenciando na interpretação do jogo.

*Os Cauris são utilizados para dar o recado, por exemplo, “quatro Búzios fechados, quem está falando é **Yansã** (comunicação pessoal da Yalorixá Tia Mãezinha).*

A palavra “**búzios**” deriva de **Dilogun** (língua **Yorubá Nagô**), que por sua vez, deriva da palavra **Merindilogun**, que significa “dezesseis”.

O jogo de búzios é uma coisa séria e importante dentro da religião porque tem os seus **Oduns**..... os Oduns são sinais numéricos, por exemplo, são 16 búzios, se caem, 8 abertos e 8 fechado, é sinal de Oxalá no jogo de búzios..... muita gente se curou através do jogo de búzios, porque o búzio diz se você tem doença, se ela é de médico ou não, ou você não tem doença de médico e com o jogo, com as ervas, com as rezas, você vai ficar bom... Só o jogo de búzios pode dizer qual é o Orixá, que lhe trouxe ao mundo (comunicação pessoal do Babalorixá Manoel Nascimento Costa).

O número 16 está diretamente ligado ao jogo de búzios e explica o número de Orixás (16) dentro da religião do Candomblé, cada qual respondendo a uma caída no jogo, através de um mediador. Este intermediário (mediador), denominado **Exu Lebá (Mojubá)** é quem acompanha **Ifá** (considerado o Orixá da adivinhação) nas consultas e responde a todas as combinações do jogo ⁽¹⁾.

*Entretanto, é **Exu** quem serve de intermediário para as respostas dadas pelos Orixás.*⁽²⁾

O adivinho coloca os búzios dentro das duas mãos reunidas em conchas e os sacode, para então lançá-los. A forma na qual se deitam os búzios, se abertos ou fechados também são decisivo no resultado da leitura.

*São as **conchas** lançadas sobre uma peneira de palhas, esteira, sobre um círculo de colares dos orixás.*

Há diversos tipos de leitura divinatória através de jogo, sem precisar utilizar o gastrópode Cauri, entre elas temos:

- “**Jogo de Mariscos**”: conchas de moluscos bivalves, conhecido como “*Conchinhas que pertencem a Yemanjá*” pode “*dá o mesmo recado que os Búzios*” como afirma a Yalorixá Mãe Lau de Oxalá;

(1) **Fonte:** <http://orbita.starmedia.com/ileasesando/origem.htm> acesso em 06 de janeiro de 2005;

(2) **Fontes:** <http://www.gomorra.hpg.ig.com.br/menu.htm> e <http://www.cacp.org.br/Buzios.htm> acesso em 14 de janeiro de 2005.

- “**Alobaça**”, leitura de **Cebolas** na nação Angola: “*Pode se jogar com cebola e até com inhame*” (comunicação pessoal da Yalorixá Mãe Lau de Oxalá);
- “**Obi**”, leitura através do jogo de **Sementes**: “*Pode botar um jogo com caroço de feijão... mas tem que ser preparado, pra ter mais força pra as coisas sair tudo certinho*” (comunicação pessoal da Yalorixá Tia Mãezinha);
- “**Coquinhos furados da semente de frutas de Dendê**”, leitura entre o povo **Jêje**, nação Africana da região do Daomé.

Na realidade pelo jogo de búzios em África não se jogava os búzios e sim usava “**Ikins**” (**sementes do dendezeiros** mas só os que tem **quatro olhos**), que também é o **Opele Ifá**. Então a importância desse fundamento transporta para o Brasil em forma de 16 búzios....Tudo dentro do Candomblé é guiado pelo jogo, onde o Orixá vem, fala, determina e dá todo o seguimento aos procedimentos religiosos que se pode dá aquele Candomblé (Comunicação Pessoal do Yaô e Pesquisador das Religiões Afro, Alexandre Lomi Lodo).

Quando entrevistados sobre o uso do **Jogo de Búzios** pelo **Computador**, os Babalorixás e Yalorixás, afirmam:

“As pessoas estão criando um novo sistema de oráculo, mas com certeza, com os ETs, porque você sai da essência da realidade da religião para criar um sistema que não tem nada a ver com a religião (...) a máquina não entende a língua Yorubá” (comunicação pessoal do Babalorixá Manoel Nascimento Costa);

“Eu acho uma fantasia, uma coisa vaga, assim ninguém precisava ter iniciação. Então eu não critico o computador, é uma revolução, mas não pra jogar búzio” (comunicação pessoal do Babalorixá Pai Toinho de Oxum);

5.5. CONCEPÇÕES SOBRE NATUREZA DAS CRIANÇAS QUE FREQUENTAM OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Nas atividades com as crianças nos terreiros de Candomblé a que mais se destacou foi à oficina pedagógica com os desenhos, os quais expressaram várias formas de árvores harmônicas, com a presença do sol, flores e pássaros demonstrando laços afetivos e/ou religiosos com a “**Mãe-Natureza**”, de uma maneira geral, em sua maioria constatou-se uma **Concepção Romântica e Naturalista** sobre a **Natureza**.

Para a psicologia, os desenhos das crianças é uma rica forma de estudar o desenvolvimento emocional, intelectual e a capacidade de percepção e de interpretação. Toda representação da criança reflete sobre si mesma, pois, permite que a criança represente o seu corpo, a sua movimentação no espaço e, sobretudo, que se comunique de uma forma diferente da palavra e da escrita. No entanto, é necessário não esquecer que um desenho só por si não pode revelar tudo, ele só permite conhecer melhor a criança. Pois, é um método de análise muito mais vasto, ele mostra como a criança interpreta o mundo além de aumentar a sua auto-estima.

Na análise dos desenhos pudemos perceber que a criança é naturalmente criativa e mostra o seu prazer de expressar seu interior através do desenho.

Os desenhos aqui analisados foram produzidos por crianças na faixa de 8 a 13 anos de idade, sendo 11 para o **Terreiro Obá Ogunté** (Recife) e 11 para o **Terreiro Nossa Senhor do Bonfim** (Olinda).

Das 22 crianças 40,9% (9 crianças) incluem os moluscos nos desenhos, principalmente o Cauri (*Cypraea*) e o caracol gigante africano (*Achatina fulica*).

A presença marcante do caracol *Achatina* na natureza, se deve ao fato de que este molusco se encontra muito bem estabelecido nos ecossistemas terrestres, chegando a ser considerado uma espécie praga no Brasil.

A partir da análise crítica dos desenhos e conceitos sobre Natureza das crianças (total de 22 crianças), podemos classificar nas seguintes categorias, de acordo com TAMAIO (2002):

- Para o **Terreiro Obá Ogunté**:
 - 36,37 % (4 crianças) apresentam uma visão **Romântica** (Ex: “*a natureza é muito bela não devemos destruí-la pois ela é que dá força para nós, o ar puro e muitos animais moram na floresta. OBS: antes de você for destruída pense bastante*”). Essa criança demonstra uma preocupação de preservação da natureza (**Figura 16**);
 - 27,27 % (3 crianças) percebem a natureza de forma **Naturalista** (Ex.: “*Para mim o que faz parte da natureza é os animais, as árvores e a gente*”). Apesar de uma visão naturalista essa criança já percebe que o Homem é também mais um elemento da natureza (**Figura 16**);
 - 18,18 % (2 crianças) demonstram uma tendência **Generalizante** (Ex: “*A natureza é muito importante e também é bom*”) (**Figura 17**);
 - 9,09% (1 criança) têm uma visão **Antropocêntrico-Utilitarista**. Apesar dessa criança não se expressar em forma de frase o que seria a natureza, ela representa esta como a pesca predatória, os ataques de tubarões em Recife, etc.

- Para o **Terreiro Nosso Senhor do Bonfim**, as crianças estão em fase de alfabetização e não se expressaram através de frases (**Figura 18**);
 - 54,55 % (6 crianças) percebem a natureza de forma **Naturalista**, representando nos desenhos árvores, flores, frutos, etc;
 - 45,45% (5 crianças) demonstram uma visão **Naturalista-Religiosa**, representando além de elementos naturais, incluem elementos do Candomblé, tais como **Oxum**, **Yemanjá** e **Exu**. A expressão das crianças deste terreiro sobre a manifestação de divindade do

Candomblé na Natureza pode ter sido influenciada que no dia da atividade com os desenhos era a festa de Oxum.

5.6. SENSIBILIZAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DO CANDOMBLÉ: UM PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSERVAÇÃO DA FAUNA DE MOLLUSCA

As políticas de conservação de recursos naturais têm sido guiadas por uma visão determinista segundo a qual, em situações de livre acesso e apropriação privada, a exaustão e a degradação do recurso explorado é inevitável (PEREIRA & PINTO, 2001).

Atualmente, a **EtnoConservação** de recursos naturais tem sido vista como uma resposta adaptativa das populações locais, para neutralizar perdas naturais e econômicas no ambiente (DIEGUES, 2000).

No caso específico dos terreiros de Candomblé está sendo desenvolvido um Projeto de Educação Ambiental com os Babalorixás e Yalorixás, especificamente no município de Olinda e Recife-PB.

A iniciativa deste projeto de deu pela **ABICABEPE** (Associação dos Babalorixás e Yalorixás dos Cultos Afros do Estado de Pernambuco).

Até o momento conseguiu-se envolver diretamente **10 terreiros**, nos municípios de Olinda e Recife, nos quais foram desenvolvidos as seguintes atividades:

- **Projeto Iroco** – com palestras sobre as plantas sagradas e sua importância no Candomblé (**Figura 19**);
- **Dinâmicas de Sensibilização Ambiental** com uma bióloga do SEPLAMA (Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente de Olinda), responsável pela “Mata do Passarinho”, os babalorixás, as yalorixás e frequentadores dos terreiros (**Figura 20**);

- **Excursão** a última reserva de mata Atlântica “**Mata do Passarinho**” de Olinda, com intuito de sensibilizar para a importância da conservação dos recursos naturais (**Figura 21**);

No Rio Grande do Sul, segundo ORO (2002), iniciativas de parceria com o poder público e o Conselho Superior da Umbanda e dos Cultos Afro-brasileiros, Afrobras e Aliança Umbandista e Africanista do Estado e as Secretarias Estadual e Municipal do Meio Ambiente, ao editarem um caderno de orientação intitulado “A Educação Ambiental e as Práticas das Religiões Afro-Umbandistas”, com o objetivo de orientar as Casas de Religião e funcionários do poder público municipal e estadual sobre procedimentos em relação a cultos e colocação de trabalhos religiosos no meio ambiente. Trata-se de um manual de aconselhamentos em relação às oferendas, tendo como pressuposto a preservação da natureza (ORO, op. cit).

Um trabalho de educação para a conservação da fauna de moluscos nos terreiros de Candomblé é possível, uma vez que estes podem ser substituídos por outros elementos naturais e/ou simbólicos. Além disso, muitas espécies estão na lista de extinção e se faz necessários projetos e/ou campanhas de informação e Educação Ambiental contínuo e efetivos sobre o usos destes animais de acordo com legislação ambiental vigente.

A Lei da Fauna, Lei 5.197/67 proporcionou medidas de proteção e, com o advento da Constituição Brasileira de 1988, o protecionismo à fauna ficou bastante fortalecido tendo em vista o teor do seu Art. 225, assim descrito:

"Proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da Lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção das espécies ou submetam os animais a crueldade" (BRASIL, 1988).

*Para muitos dos seguidores da religião dos Orixás, interessados em recuperar a relação Orixá-Natureza, o culto de **Onilé** (terra) representaria assim a*

preocupação com a preservação da própria humanidade e de tudo o que há nesse mundo. Nesse movimento, Oxóssi passa a ser relacionado ao Meio Ambiente e à preservação das florestas e da fauna selvagem, proclamado como o Orixá da Ecologia (PRANDI, 2005).

Associado a isso, um conhecimento sobre a utilização de espécies exóticas de moluscos no Candomblé, tais como a *Achatina fulica*, é de suma importância para esclarecer os reais “perigos” para a população humana.

A Lei de Crimes Ambientais, sancionada, em 12 de fevereiro de 1998, no seu Art. 31., enfatiza:

“Introduzir espécime animal no País, sem parecer técnico oficial favorável e licença expedida por autoridade competente: Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa. Já no seu § 1º., reforça: “Incorre nas mesmas penas quem realiza experiência dolorosa ou cruel em animal vivo, ainda que para fins didáticos ou científicos, quando existirem recursos alternativos”.

Também é importante evidenciar a necessidade de se desenvolver nas escolas públicas, não só Projetos de Educação Ambiental, mas também se deve trabalhar o Ensino de História de África, de acordo com a Lei 10.639/2003.

Este estudo só vem a confirmar a importância dos moluscos nos rituais da Religião e Cultura nos terreiros de Candomblé, mas acima de tudo devemos contribuir para um respeito mútuo a “Mãe-Natureza” e a dignidade das pessoas que participam ou vivenciam esta religião, uma vez que estas compreendem que a religiosidade não se dissocia da Natureza.

Fica evidente também que nós da “Academia”, responsáveis diretamente por uma formação e/ou educação popular, podemos contribuir para desmistificar que na relação entre *Saber Popular e Conhecimento Científico* dos atores sociais da Religião Candomblé, não só existem divergências, mas pode haver complementaridade.

“As religiões Afro-Brasileiras resgatam uma memória e um conjunto de valores fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira” (LODY, 2003)

6. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados e experiências vivenciadas nesta dissertação podemos apresentar as seguintes conclusões e tecer algumas considerações, tais como:

- A presença e a participação dos moluscos em todos os rituais, vestimes, altares, assentamentos, vem a demonstram uma grande importância desses animais nos terreiros de Candomblé, principalmente os 4 mais sagrados moluscos, Cauri, Ibi, Aruá e Ikotô;
- O Cauri, *Cypraea* sp., tem sido apontado pelos Babalorixás e Yalorixás, ser o molusco mais sagrado, representando força, poder e sabedoria, sendo um elo intermediário na comunicação entre o Orixá e o Humano;
- O Saber Popular dos Babalorixás e Yalorixás, com relação aos moluscos, vem a contribuir para reforçar alguns Conhecimentos Científicos sobre estes animais. No entanto se faz necessário desenvolver projetos de Educação Ambiental e para a conservação da fauna de moluscos;
- Constatou-se a partir das atividades com desenhos pelas crianças que frequentam os terreiros de Candomblé uma Concepção Romântica e Naturalista sobre a Natureza, daí a importância de se desenvolver uma sensibilização ambiental de forma mais crítica e reflexiva;
- Se faz necessário evidenciar a necessidade de se desenvolver nas escolas públicas, do entorno dos Terreiros ou da Mata do Passarinho (Olinda), projetos de Educação Ambiental, assim como de se trabalhar o Ensino de História de África, esclarecendo e desmistificando a religiosidade e cultura Afro-Brasileira, de acordo com a Lei 10.639/2003.

- A relação entre *Saber Popular* e *Conhecimento Científico* dos atores sociais dos terreiros de Candomblé sobre os moluscos, não apresentam apenas divergências, mas também complementariedade;
- A utilização de espécies de moluscos nos terreiros de Candomblé, pode até contribuir para a super-exploração da biodiversidade destes animais no estado de Pernambuco, mas sem sobra de dúvida a destruição dos seus habitats é que tem contribuído para que estes entrem na lista de espécies em extinção;
- Não existe nenhum assentamento de Orixá sem ter a presença de moluscos (buzios), o que reforça a importância destes animais para a religiosidade do Candomblé.

7. REFERÊNCIAS

ABÍLIO, F.J.P. **Parecer Técnico Científico sobre o caramujo gigante africano** *Achatina fulica*. 2004.

ABÍLIO, F.J.P. **Alguns aspectos ecológicos da Malacofauna e do zoobentos litorâneo dos reservatórios de Gramame e Mamuaba-Alhandra, PB**. João Pessoa-PB, 1994, 59p., Monografia de Graduação, Departamento de Sistemática e Ecologia, Universidade Federal da Paraíba. 1994.

AGUDO, A.I. (Editor). **Avulsos Malacológicos**. Boletim informativo do CIEAC. Ano I, nº12, 3p., 2002

ALVES-MAZZOTTI, A.J. & GEWANDSZNADER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Thomson, 203p., 1999.

AMARAL, R. **Sítio de Pai Adão: ritos africanos no Xangô do Recife**. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Cultura, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco: CD, 2005.

BARZANO, M.A. L. & SELLES, S.L.E. **Concepção de meio ambiente dos licenciados de um curso de ciências biológicas: uma análise**. In: V Escola de Verão para professores da prática de ensino de Física, Química, Biologia e Áreas Afins, 261-263p., 2000.

BENTES, N. **Educação Popular Afro-Brasileira: um aprendizado sem fim**. Série pensamento Negro em Educação, vol.5., Segunda edição. Florianópolis (SC): Editora Atilênde, 2002.

BIFANO, M.E. (tradução). **Conchas: guia prático**. São Paulo: Nobel, 64p., 1998.

BOCK, A.M.B, FURTADO, O. & TEXEIRA, M.L. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1995.

BOFFI, A.V. **Moluscos Brasileiros de interesse médico e econômico**. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 182p., 1979.

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro 2003** que altera a Lei 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. 2003.

BRASIL. **Constituição Brasileira**. 1988

BRASIL. **Lei da Fauna**, 5.197 de 1967.

BRASIL. **Lei de Crimes Ambiental**, de 12 de fevereiro de 1998.

BRUSCA, R.C. & BRUSCA, G.J. **Invertebrates**. Sinauer Associates, USA, 2002.

BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia** (a idade da fábula); historia de deuses e lendas; Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CAMARGO, M.T.L.A. **Contribuição ao estudo Etnofarmacobotânico da bebida ritual de religiões afro-brasileiras denominada "jurema", à base de Mimosa hostilis Benth. Leguminosae - Mimosoideae e seus aditivos psicoativos**. Conferência realizada durante o X Simpósio Latinoamericano y VII simposio Argentino de Farmacobotanica (Comodoro Rivadavia, Argentina 8 a 11 de abril de 2001) Disponível em <http://www.aquaforte.com/herbarium/jurema.html> acesso em 06/08/2005.

CARVALHO, O.S.; TELES, H.M.S.; MOTA, E.M.; MENDONÇA, C.L.G.F.; LENZI, H.L. Potentiality of *Achatina fulica* Bowdich, 1822 (Mollusca: Gastropoda) as intermediate host of the *Angiostrongylus costaricensis* Morera & Céspedes 1971. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Vol. 36 nº6 , 2003.

COSTA-NETO, E. M. **Etnozootologia no Brasil: um panorama Bibliográfico**. Bioikos, 14 (2): 31-45, 2000.

CUNHA-JUNIOR, H. **Texto para o movimento negro**. São Paulo : EDICON, 1992.

DIAS, J. **Generosity comes from the strength of the water**: case study on the sócio-educational activity of the Terreiro Ilê Axé Omin Funkó. Disponível em: www.wfdd.org.uk/programmes/case_studies/candomble_eng.doc, acesso em 25/setembro/2005.

DIEGUES, A.C. (org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: HUCITEC / NUPAUB-USP, 290p., 2000.

DIEGUES, A.C. **Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra 6º edição, 1978.

FUNDARPE. **Manual do Patrimônio Cultural de Pernambuco**, Recife: 1994.

JOÃO PAULO II. Mensagem do Santo Padre aos Afro-americanos. In Documento de Conclusão da IV a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Santo Domingo, Celam, 1992.

LIMA, A.A.B. **Etnoconhecimento e Educação de Trabalhadores/as na Amazônia**. Anais do I Encontro de Etnobiologia e Etnoecologia da Região Norte “Etnoconservação: uma questão das populações tradicionais da Amazônia?”. Manaus-AM. 2001a. Disponível em <http://nerua.inpa.gov.br/NERUA/P-01.htm#02> acesso em 04/08/2005.

LIMA, A.A.B. “**Em busca do ‘nós’**: anotações sobre processos identitários e formação”. In: Identidades Culturais. Recife: Escola Nordeste, 2001b.

LODY, R. **Dicionário de Artes Sacras e técnicas afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 324p., 2003.

LUZ, N. **Sementes**: caderno de pesquisa, Salvador v.3 n. 5/6 pág44, dez., 2002.

MACEDO, R.S., **A Etnopesquisa Crítica e Multireferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: Edufba, 2000.

MARCONI, M.A. & LAKATOS, E.M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 305p., 2004.

MARTINS, J.S. **Conhecimento e Ciência**. In: Martins, J.S. O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio. São Paulo: Papyrus, p. 57-85, 2001.

MELLO, E.M.B. **Fauna malacológica de sítios arqueológicos do estado do Rio de Janeiro, Brasil: Mesogastropoda, Neogastropoda, (Mollusca, Gastropoda, Prosobranchia)**. Anais do XVI Encontro Brasileiro de Malacologia, Recife-PE, 1999.

MESQUITA, E.F.M. **Anatomia e histologia do aparelho reprodutor e dados biológicos sobre *Pomacea* sp. (Mollusca Gastropoda Pilidae)**. Dissertação de Mestrado em Ciências Biológicas, RJ., 88p, 1982.

MORAES, N.S. & BRAVIN, A. **A influência e a importância dos Moluscos na História e desenvolvimento das raças**. Anais do II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia: preservação da diversidade Biológica e cultural. São Carlos-SP, 1998.

MORRETES, F.L. Ensaio de Catálogo dos moluscos do Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**, 7: 5-216, 1949.

MORRETES, F.L. Addenda e Corrigenda ao Ensaio de Catalogo dos Moluscos do Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**, 10 (2) : 37-76, 1953.

MORIN, E. **A Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NISHIDA, A.K.; BARBOSA, N.P. & MACIEL, A.S. **Catadores de moluscos do litoral paraibano II – utilização de conchas de mariscos (*Anomalocardia brasiliiana*) como agregado na fabricação de elementos de pisos para moradia – uma alternativa econômica e ecológica**. Anais do II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia: preservação da biodiversidade Biológica e Cultural. UFSCar, São Carlos-SP, 1998.

OLIVEIRA, M.P. & ALMEIDA, M.N. **Malacologia**. Juiz de Fora-MG: Editar Editora Associada, 215p., 2000.

ORO, A. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, 24 (2): 345-384, 2002.

PAIVA, C.L. *Achatina fulica*: **praga agrícola e ameaça à saúde pública no Brasil**. Fontes de informação impressas e digitais. Disponível na rede mundial: http://www.intermega.com.br/acracia/achat_tr.htm. 10 maio 1999 (criação); 23 nov. 2002 (atualização). 1999. Acesso em: 18 de Abril de 2004.

PEREIRA, H.S. & PINTO, J.R.S. **Etnoconservação da Fauna Aquática no Médio Amazonas: situação atual e perspectivas**. I Encontro de Etnobiologia e Etnoecologia da Região Norte (I ENCETNO). Manaus (AM), 5 a 8 de dezembro de 2001. Disponível em <http://nerua.inpa.gov.br/NERUA/15.htm>, acesso em 01/09/2005.

PASSOS, L.A. & SATO, M. **De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa**. In: Sato, M. & Carvalho, I. (Orgs.) Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 232p., 2005.

PRANDI, R. **Segredos guardados**: Orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 328p., 2005.

REIGOTA, M. (Org.) **Verde Cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RIOS, E. **Seashells of Brazil**. Rio Grande: FURG, 492p., 113 pranchas., 1994.

SATO, S. Apaixonadamente pesquisadora em Educação Ambiental In: **Educação, Teoria e Prática**, 9(16/17): 24-35, 2001.

SANTOS, E. **Moluscos do Brasil**. Coleção Zoologia Brasileira, vol 7, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 141p., 1982.

SANTOS, O.J. **Orunmilá Exu**. Curitiba: Ed. Independente, 185p., 1991.

- Artigo II. SILVA, B.A. **Contabilidade e Meio Ambiente**: Considerações teóricas e práticas sobre o controle dos gastos Ambientais. São Paulo: Annablume/FAPESP, 162 p., 2003.
- SILVA, J.A.S. **O fascínio do Candomblé**. Recife: Governo do Estado do Pernambuco/Secretaria de Educação e Cultura. 60p. 1997
- SILVA, P. M.; WIGGERS, F.; MAGALHÃES, A. R. M.; SCÁRDUA, M.P. **Espécies de Moluscos Potenciais para a Aqüicultura**. Anais do XVI Encontro Brasileiro de Malacologia, Recife-PE, 1999.
- SOUZA, C. P. & LIMA, L. C. **Moluscos de interesse parasitológico do Brasil**. FIOCRUZ/CPqRR, Belo Horizonte-MG, 76p., 1990.
- STORER, T.J. USINGER, R.L., STEBBINS, R.S. & NYBAKKEN, J.W. **Zoologia Geral**. 6ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 816p., 2002.
- TAMAIO, I. **O professor na construção do conceito de natureza**: uma experiência de educação ambiental. Annablume-WWF 1º, 158p., 2002.
- TELES, H.M.S.; VAZ, J.F.; FONTES, L. R.& DOMINGOS, M. F. Registro de *Achatina fulica* Bowdich, 1822 (Molusca, Gastropoda) no Brasil: caramujo hospedeiro intermediário da angiostrongilíase. **Revista Saúde Pública**, Vol. 31 (3):310-12, 1997.
- TENÓRIO, D.O.; LUZ, B.R. & MELO, W.R. **Moluscos Marinhos do Litoral do Estado de Pernambuco**. In: Tabarelli, M. & Cardoso, J.M. (Org.). Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco. Recife: Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente / Ed. Massangana, 2002.

THEDORO, H. **Mito e espiritualidade**: mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas ed., 1996.

THOMÉ, J.W.; BERGONCI, P.E.A. & GIL, G.M. **As conchas de nossas praias**: guia ilustrado. Pelotas: USEB, 2004.

TRINDADE, O.J.S.; BANDEIRA, F.P.; RÊGO, J.C.; SOBRINHO, J.L.; PACHECO, L.M. & BARRETO, M.M. **Farmácia e Cosmologia**: A Etnobotânica do Candomblé na Bahia. Disponível em http://www.etnoecologica.org.mx/Etnoecologica_vol4_n6/princ_art_serra.htm, acesso em 06/08/2005.

VASCONSELOS, B.B.M. **Contribuição ao estudo químico bromatológico do aruá**. Tese para concurso de catedrático de Química Toxicológica e Bromatológica da Faculdade de Medicina. Curso Farmacêutico, UFPE, Recife, PE, 47p., 1956.

VASCONSELOS, B.B.M. O aruá e seu valor alimentício. **An. Fac. Farm. Univ. Recife-PE**, v.II, p: 147-164, 1959.

ANEXOS

ENTREVISTA 1

Entrevistado:

Manoel Nascimento Costa, conhecido como Papai (Babalorixá do Terreiro Yemanjá Ogunté mais conhecido como Sítio de Pai Adão).

Terreiro: Obá Ogunté

Local: Água Fria, Recife-PE

1. Pergunta: Manoel Papai, Qual a importância dos Moluscos no Candomblé?

1. Resposta: “Tem vários moluscos que estão inseridos neste contexto, entre eles o *Búzio* não é, o *Igbín* que é uma espécie de caracol do mato e o *Aruá* ou *Uruá*. O búzio ele é **Axé**, como os três são axés, o búzio, serve para o jogo de búzios, que é um Sistema de Oráculo, nos búzios a gente ver adivinhação que está ligado ao **Orixá** da adivinhação realmente que é **Orumilá**, o búzio também é utilizado nos assentamentos dos orixás, todo assentamento de orixá tem búzios ai ele está como Axé”.

“Quando se inicia, além dos búzios que fica dentro do **“Ibá”**, que é o assentamento das pessoas, ele também coloca os 16 búzios que com sete anos ele levanta e passa a ser o “seu” jogo de búzios, o jogo de búzios, do Pai de Santo ou da Mãe de Santo do **Ogan** ou da **Eke**di”.

“Mais ele também pode está no anel, que poderemos chamar de “Anel de Formatura”, um anel que quando você faz um **Yaô**, com sete anos depois você pode botar um anel no dedo, de ouro de platina seja lá do que for que tenha um búzio isso identifica o Yaô, identifica o iniciado, um anel de búzios identifica o iniciado”.

“Esses búzios podem também esta fazendo parte de um **Kelé** ou fazendo parte de um **Xumbetá** nas amarrações das guias, que ele estará também como um axé fortalecendo a guia ou fortalecendo o axé, isso nos está falando de búzios,

búzios que já serviu de dinheiro na África, em determinada época se comprava alguma coisa em troca o dinheiro era búzios, ir determinadas aldeias africanas, no tempo dos orixás, sacos de dinheiro ou sacos de búzios, representava dinheiro, chamado também de Cauris”.

“O outro molusco pode ver o Igbin que é um caracol que vive nos matos e é vegetariano ele serve pra **Oxalá**, serve de oferenda para Oxalá, é muito forte, muito poderoso é tanto que essa oferenda no **Fanti-Ashanti**, o culto que é praticado só no Maranhão, ele é chamado de “Boi de Oxalá” porque “Boi” porque ele requer um grande ritual com muita cerimônia e grandes resguardos às pessoas tiram de sete a vinte e um dias sem sexo, sem bebidas e sem fumo, e passam pelo menos sete dias na casa do Orixá, ai identifica o poder desse molusco”.

“O outro é o aruá ou uruá que esse nasce na maré, um dos **Ebôs** mais fortes de Oxalá, é com aruá e chama-se “**Ebô Icu**”, um ebô que é feito com palmeira de dendê, palmeira que está presente na vida e na morte”.

“A palmeira esta presente na vida quando você se inicia no orixá, porque ai você tem a pulseira da testemunha que é feita com a tira do “filhote de dendezeiro” e só usa essa pulseira que tem mais de sete anos para fazerem parte da iniciação”.

“É o aruá é amarrado no próprio **Mariô**, que é o filhote (broto) do dendezeiro com arroz, panela nova, com pano novo branco onde se canta pra Oxalá e oferece no **Orí** das pessoas que está com problemas de saúde, bem doente, mais bem doente mesmo se faz esse Ebô para ajudar na saúde das pessoas, esses são os traços desses moluscos que eu conheço dentro do ritual do Candomblé”.

2. Pergunta: E na cultura nagô, por exemplo, qual o significado dos búzios nos “estandartes” de Maracatu já que surgem dos terreiros de Candomblé?

2. Resposta: “Eu tenho isso como axé no estandarte na hora que ele faz um bordado lá em cima, além dele identifica a cultura africana que é um búzio o

estandarte está identificado que está ali um símbolo do africanismo um búzio, ele também representa axé porque o búzio representa todos os Orixás.

3. Pergunta: Neste caso o búzio seria o coração da religiosidade?

3. Resposta: “Ele faz parte de um coração, ou faz parte de uma vida religiosa, quando ele faz parte do Ibá que é do seu assentamento, o que é o Ibá pode ser chamado também de “**Cuia Astral**” do filho de santo, lá esta sentado o meu orixá é onde eu tenho sintonia com ele e ele tem comigo as energias do orixá estão acumulada dentro desse Ibá, e eu busco elas através das oferendas, através das preces, através das palavras sagradas e lá estão os búzios compondo esse Ibá, esse ibá é qualquer Orixá tem que levar búzios”.

“E o **Maracatu** como tem essa Origem Africana os búzios estão lá representando esse ritual essa religião, e é forte os búzios no estandarte fala bem alto”.

4. Pergunta: E os búzios que estão aqui vêm de onde?

4. Resposta: “Eu não conheço nenhum lugar no Brasil que tenha búzios já ouvi falar que tem os búzios nacional, mais eu não conheço a origem de qual cidade, agora os búzios africanos são muito resistentes esses que estão aqui são búzios muito resistentes esses búzios aqui eles devem ter mais de vinte anos, você veja que estão perfeitos, agora tem uns búzios fracos esses aqui são uns búzios fortes, os búzios tem tamanhos também, eles são menores mais eles crescem”.

“Mais os búzios pra quem conhece mariscos, búzios são feito marisco eles tem vida, não são comestíveis eles só morrem mim parece depois que eles saem da água ele tem pouco tempo de vida”.

5. Pergunta: Como o senhor ver o jogo de búzios no computador?

5. Resposta: “Bom não há o jogo de búzios pelo computador, isso é uma criação de algumas pessoas que estão criando um novo sistema de oráculo mais com certeza com os “ETS” porque você sai da essência da realidade da religião pra criar um sistema que não tem nada a ver com religião, nada se você parte pra numerologia ainda esta dentro da religião, mais quando você parte para uma máquina, a máquina não entende de língua **Yoruba**, não entende de palavras sagradas, não entende de Orixá, a máquina vai dizer exatamente tudo aquilo que eu programar ela, não pode dizer diferente, se eu disser que você é filha de **Yemanjá** por que nasceu no mês tal, ta lá no computador e ele vai responder isso à hora que eu teclar, então tá totalmente fora de cogitação a máquina fazendo parte da religião, ainda não estamos nessa época.

“Pode ser que se descubram os “ETS” de Yemanjá, de **Xangô**, de **Oxum**, mas eu não sei se do lado de lá tem religião, mas também se tivesse vivente era ETS e não máquinas”.

6. Pergunta: Qualquer pessoa pode jogar os búzios?

Resposta: Qualquer pessoa pode jogar desde que se inicie, tenha mais de sete anos, seja **Ogan** ou **Eke** e tenha o aprendizado, ai, a mãe de santo ou o pai de santo prepara um jogo de búzios, mais não esse jogo de búzios “caça níquel”. O jogo de búzios é uma coisa séria e importante dentro da religião porque tem os seus **Oduns** o que máquina também não percebe, os Oduns são sinais numéricos, por exemplo, são 16 búzios, se caem, 8 abertos e 8 fechado, é sinal de Oxalá no jogo de búzios.

8.Pergunta: O senhor como Babalorixá considerado nacional e internacionalmente, o que as pessoas buscam saber no jogo de búzios?

Artigo III. **Resposta:** Há uma diversidade muito grande, primeiro porque acreditam e às vezes por necessidade de saber alguma coisa, tem muita gente

curiosa, e eu espero que quando ele venha jogar ele não diga que é por curiosidade, se não eu não jogo.

Não vou jogar pra ele, pois o jogo é pra coisa de necessidade, se precisa saber como é que está sua saúde, ai você vem me procurar, e diz: "há eu não acredito, mais minha necessidade me obriga que eu procure ver que doença tenho já que os médicos não descobrem", e muita gente se curou através do jogo de búzios, porque o búzio diz se você tem doença, se ela é de médico ou não, ou você não tem doença de médico e com o jogo, com as ervas, com as rezas, você vai ficar bom.....Acha que o caminho é o jogo de Candomblé, ai ela tem que jogar e fazer sua consulta, outros se consultam pra saber o que está acontecendo com a sua vida, brigas com o marido ou ele tem outra, problemas de bebidas na família, através de um jogo sério vai saber tudo isso, a importância do jogo de búzios, está exatamente pra tirar algumas dúvidas quando se trata de descobrir que Orixá você carrega, isso é outra coisa importante Só o jogo de búzios pode dizer qual é o Orixá, que lhe trouxe ao mundo, se você tem de herança de sua avó, bisavó, qual o Orixá que você vai se iniciar o jogo vai dizer.

9.Pergunta: O senhor já presenciou alguma cura através do Molusco Aruá?

Resposta: Já assisti muita gente doente vir "pro pé do Santo" na chamada cadeirinha que uma pessoa segurando de um lado e a outra do outro e a pessoa quase desmaiando. Eu vi lá no terreiro de Pai Adão, no tempo que meu pai se fazer um Ebô dessa natureza e a pessoa ficou lá porque não pode viajar era uma pessoa do interior. No outro dia de manhã ele acordou e deram papa que a pessoa não estava comendo e ele comeu, papa e fruta pão, me lembro como se fosse hoje e no outro dia de tardezinha ia viajar. Ai Dona Joaninha que era a Mãe de santo da época, pediu que deixassem ele mais um dia lá e ele ficou e saiu andando não mais de cadeirinha como chegou, foi uma coisa que eu não esqueci nunca mais esse detalhes.

Eu lembro também que o finado "Zé de Mãe" tinha umas crises de Asma que os médicos não conseguia curar e em uma dessas crises ele estava no

terreiro de Mãe Lídia que nessa época era no “Alto do Pascoal” e fizeram um Ebô com Aruá, eu ainda mim lembro o chá que ele tomou o sumo da hortelã miúda com mel de abelha, depois ofereceram o Aruá, na cabeça dele fazendo esse “Ebô Icu”, não sei se ele teve depois, mais passou muito tempo sem ter esse problema.

10. Pergunta: Os moluscos são usados em todas as religiões de matriz africana?

Resposta: Sim, os moluscos são usados em todas as Religiões de matriz africana.

ENTREVISTA 2

Entrevistado:

Babalorixá Marcelo da Oya.

Terreiro Ilê Ase Arira Ibonã

Local: Caixa D'água - Olinda - PE.

1. Pergunta: Pai Marcelo, Qual a importância dos moluscos no Candomblé?

1. Resposta: “A importância dos moluscos no Candomblé é fundamental, para se almejam o Orixá, a qualidade, a **Suna** (rezas), as **Diginas** (sobrenome do Orixá – nação), para com tudo para termos a certeza das obrigações.

Principalmente os búzios, de onde existe a vinda e a ida do orixá, as quedas do jogo de búzios é de onde trazemos os recados e os fundamentos para os filhos de santos, consulentes, amigos, parentes... para tudo”.

2. Pergunta: Qual a importância do caracol Ibi para o Candomblé?

2. Resposta: “Igbin ou “**Akuinison**” é o “**Ejé Fum Fum**” que simboliza a fecundidade, principalmente para Obatalá, Oxalá , a equivalência do “**Akuinison**” do Igbin é do **Malú**, do boi, o maior “**Ejé Fum Fum**”, que existe, o maior sangue que existe, para a divindade **Obatalá**, “**Ejé Ibin**”, e **Ejé Fum Fum** tanto para Oxalá quanto para Orixás que recebe esse mesmo sacrifício, Yemanjá, Xangô, Iansã e Oxum.

3. E sobre o Aruá?

3. Resposta: O aruá dentro dos meus conhecimentos ao culto, ele vai devidamente só para Oxalá, a importância dele também é o **Ejé Fum Fum** que só cabe pra Obatalá Oxalá.

ENTREVISTA 3

Entrevistado: Babalorixá Pai “Toinho da Oxum”

Terreiro: Nosso Senhor do Bonfim

Local: Águas Compridas (Olinda).

1 . Pergunta: Qual a importância dos “moluscos no Candomblé?

1. Resposta: “É uma grande importância o molusco, por exemplo, o Igbin. Ele é um molusco muito sagrado usado pra **Nanã** no culto e tem o sangue branco. Ele é usado no sacrifício de Nanã, nos Ebô, nos problemas de loucuras, de doenças. Que o sangue branco é de maior poder ele é invocado, agora tem que saber usar porque nele não vai faca nesse molusco.

Então ele é usado na finalidade de saúde, de caminhos, de limpezas como o aruá é usado no “Ebô Dinã”. O **Nagô** usa, mas tem outro tipo de molusco que é o **Icotô (Ikotô)**. Ele é usado nas raspagens. O pó da casca dele é riscado os Oduns: **Odum Efum** é usado no **Ketô**, na **Angola**, no Nagô.

No Nagô é usado o Aruá que é conhecidíssimo como bicho de lama e faz o Ebô Dinã, é Ebô de saúde, de doença, de loucuras, doenças incuráveis ele é passado no corpo, e dado oferenda e despachado em mangue, em árvores, enrolado em uma esteira, existe muitas finalidades”.

“O molusco, mas sagrado é o “buzo” “a casca dele é usada pra **Ifá**, pra adivinhação pra palavra do Santo (Orixá), pra todo tipo de iniciação”.

“Por exemplo, ontem, 21 de Julho de 2005, eu fiz, **Borí**, dentro do meu “**Ibá Ori**” tinha 16 moluscos, tinha porque significava força, poder, sabedoria, o complemento da minha cabeça. Mas ele é usado em muitas finalidades de fortificação, de “Ciência de visão”, de saúde, pra fala do Santo (Orixás), pra acalmar a casa, pra definir um monte de coisas no caminho do Yaô, da Yalorixá, do destino da casa, ele é usado mais tem que saber usar, tem uma cantiga própria”.

“Ele o Igbin também é usado pra Yemanjá, chama Igbin, mas o nome certo seria “Igbin”; como, caramujo, como Ikotô, como Aruá, o uso é tão sagrado que eles falam que é o Boi de Oxalá”. O “boi manso” de sangue branco“.

“Então são muitas finalidades sagradas dentro do Candomblé, finalidade mais sagrada “é saber usar” esse molusco não pode ir faca, se vai faca é faca de pau, ele não pode ir nada de “Aço”, porque é contra por os principais do orixá;

Ele é o princípio do mundo porque o molusco caminhou, ele fez a “caminhação”, que ele veio caminhado fazendo uma estrada pra o início do mundo.

As cascas (conchas) dele também são usadas pra um colar pra dar um posto do “**Ilê Maxo**” dentro de **Oxaguiã**, os filhos de Oxaguiã tem que ter uma conta da casca do Igbin, uma conta sagrada que essa conta é usada como um posto dentro do Oxaguiã, ou no **Kelé** pode ser usado, tem muitas coisas sagradas, como dessa muitas ser usado, tem que terás folha do algodão crioulo, o **Obí Branco**, como pode ter **Orobô**, como pode usar ele só no alguida de barro, pra criação do mundo e como preceito maior na casa, etc e etc”.

2. Pergunta: Os moluscos podem ser usados na decoração?

2. Resposta: Na decoração pode ser usado para o Axé, para o **Ofón**, dentro da casa dele pode fazer um preparo com sabão da costa, banha de **Orí** e colocar pra uma segurança da casa; ou na cabeça das pessoas, ou em problema pra uma pessoa desequilibrada, a casca numa cabaça.

Pode se fazer um **Iguibá** um assentamento que bota, em uma parteira acima da porta da casa, para que todos passem ali, e sempre tenha banha de Orí, um e seu “**Efum da Terra**” e se faz em preparo, entre a porta da entrada das Casas de Candomblé, por exemplo na minha casa tem “**Iquibadu**” que é um assentamento que vai dentro de uma cabaça com terra, representando a criação do mundo e bota o Exu, as cascas (conchas).

Ele é usado em causa de **Exu** em outra Nação em sacrifício para tirar a fúria de Exu; pode bota em cima dele quando Exu esta em fúria, ele também é usado em **Ossâim** não é só Oxalá, é usado para Yemanjá.

Agora tudo tem reza, as palavras que transforma a força; tudo tem o **Oriki** a palavra citada pra dizer, pra quem é que vai e sopra o **Odum**, pra saber o que é o Odum e o sinal gráfico, o encantamento daquilo que esta se fazendo. Ele não é usado atoa, “chega e pá” vai usar!

Tem o Odum que vai usar aquilo que é riscado, soprado no “Efum da Terra”, no **lorossun**, muito com algodão, com folhas, com ele pode ser usado outro tipo também, e a casca é mais sagrada ainda, é de grande serventia é quem vai carregava o segredo do encantamento, pra segurar sua casa, ou aquele trabalho que você fez, vai um preparo com folhas com algumas coisas dentro, ele não é usado de qualquer jeito, é o que está o meu entendimento nisso, mais ele tem “Sangue Branco”, ele acalma a cabeça “.

Eu conheço um Ebó que foi feito pra uma pessoa que estava na porta da morte, eu não daria nada que aquela pessoa sobrevivesse, e a pessoa me pediu ajuda, eu disse: olha, eu vou colaborar mais não sei, mais pra ajudar a acalmar, pois a pessoa estava na porta da morte, pra que parta, em paz e a pessoa levantou-se até hoje.

Mas a pessoa que fez, fez com tanta fé e usou tantas palavras sagradas que eu não duvidei, mas, já fez no intuito que a pessoa descansasse que não agonizasse tanto pra morrer em paz.

E a pessoa levantou do dia pra noite, e mim deixou com mais confiança, eu não usei o ritual daquela pessoa mais guardei bem; depois eu mim formei porque foi feito aquele trabalho e ele mim disse que só tinha dois caminhos ou partia em paz ou se levantava de uma vez. O que ocorreu!

Mas eu lhe peço segredo Toinho, pelo que eu fiz, pra as pessoas não me procurar a toa, e depois o Orixá não escutar os rogos e as pessoas mim condenarem, ora você não viu, não diga que eu sei fazer isso, se os Orixás quis escutar os rogos dele é porque ele era merecedor.

“Mas não comenta que outras pessoas podem fazer um tumulto na minha vida, provocar um desconforto na minha vida”.

“A pessoa usou muito bem, pois era em caso de vida ou morte, eu me impressionei muito, muito mesmo, fiquei muito impressionado por eu mim

impressionar tanto que chegou uma ocasião que eu disse: gente eu não posso acreditar que um molusco daquele, pode levantar a vida de uma pessoa, porque o médico dele tinha desenganado, tinha dito a mãe da pessoa, olhe a senhora prepare a roupa, deixe o documento dele tranqüilo que ele já tá realmente no leito de morte, tudo que a gente tá fazendo já não é pra salvar a vida, a gente tá dando uma morte digna pra ele porque já esta emtubado, é muito difícil pra senhora como mãe escuta essa palavra, mas amanhã se ele entrar em óbito a gente comunica, e não adianta a senhora insiste na porta do Hospital”.

“Nossa ela veio desesperada e uma pessoa disse: irmão eu vou tentar ajudar! Pelo menos pra ele morrer em paz! E realmente a pessoa levantou, não lembra que estava em coma; eu não conto isso com exibicionismo, porque a pessoa que fez simplesmente pediu segredo, isso pode não dar certo em outras pessoas e eu ser condenado até pelo que não devo”.

“Ikotó é usado e a casca dele pra fazer um pó, é um **Pó de Orosom**, que risca o Odum, serve pra guarda o cabelo do Yaô, que é aquele redondinho, compridinho, chama Ikotó, é usado também pra banho, pra filho de Oxalá, pra tirar fúria do peso de Ogum, de uma cabeça de Exu, que tá muito perturbada ,em banho, como sinal gráfico, em **Patuá**, pra uma pessoa que é muito nervosa carrega o (pegando no patuá que usava) esse aqui é o **pó do molusco Ikotô**, eu às vezes sou muito impaciente e uso um pouco pra tranqüillidade”.

“Eu as vezes sou muito impaciente, eu uso um pouco pra tranqüillidade,então aqui tem encantamento então isso significa que é pra eu ter controle, pra eu não alterar, não exaltar, eu não sou exaltado mas às vezes eu fico preocupado quando eu vejo uma pessoa agitada eu digo calma, gente calma”.

3. Pergunta: Qual a importância do jogo de búzio no candomblé?

3. Resposta: “No meu ver o jogo de búzio já passa uma preparação desde a iniciação de uma pessoa, sem o jogo de búzio talvez não, existe o Candomblé, tem “o **Pele Ijá**”, mas a palavra mesmo ta no “búzio” claro que o “**Pele Infum**” dar o destino do sinal gráfico, sopra os Oduns. É uma palavra que vai ao ar pra depois trazer uma resposta o “búzio” não, você tem que ter confirmação na hora. Olha

sem Exu ninguém varia, nada sem determinação de Exu, é o meio que a gente tem pra se comunicar com os Orixás é Exu é o “búzio”.

“Mas eu acho, muitos querem e pouco são. Não é todo mundo que pode está jogando o “búzio” pela revista, pelo livro. Assim estaria muito fácil e ninguém faria uma preparação como eu fiz, como você que iniciou fez. O jogo de búzio é determinado, por exemplo eu nunca joguei búzio por conta própria, quando eu peguei meu búzio pra me comunicar com Exu, ai daí eu fui chegando aos 16 (búzio), não é pra todo mundo, a importância é muito grande, não é um troféu, não é pra todo mundo”.

“Exu também ajudava a revelar palavra que o Ifá determinava, por isso eu acho que o búzio é uma coisa muito sagrada, pra isso não pode se jogar em qualquer lugar, não lugar indecoroso, mas tipo levar o búzio pro hospital, ou na casa de uma pessoa que não pode se deslocar”.

“Mas não pode jogar no meio de uma praça, ou por meio de vida como a gente ver muito hoje. O búzio é uma coisa muito sagrada determinada por Exu”. O Búzio que se joga servia de dinheiro no começo do mundo do Candomblé e se trocava pelo milho, pelo trigo, se trocava para fazer roupa. É uma das pesquisas mais profundas que ele servia como troca de dinheiro, e em outras religiões.

Tem uma lenda que diz que Exu dizia que os Búzios saíram do mar como formigas e que ele invadiu tanto que o tanto de formiga no mundo era o que tinha de Búzio. Em todo lugar saia muito. Exu às vezes gostava, mas se irritava porque saiam muitos.

Em outras nações e vilarejos eles serviam como roupa, vestimenta, como serve até hoje. Pra tudo ele tem serventia... a casca dela para colocar em cima de Exu, sendo esse uma das principais pra um monte de coisas que ele pode ser.

4. Pergunta: Como você ver o jogo de búzio no computador?

4. Resposta: “Eu acho uma fantasia, uma coisa vaga, assim ninguém precisava ter iniciação. Então eu não critico o computador, é uma revolução, mas não pra jogar búzio.

“Numerologia não existia, eu venho iniciando por Seu Zé Romão e tinha muitos princípios, quero dizer que eu não sou dos antigos, mais eu passei pela gestação deles de seu Zé Romão e Dona Lídia e hoje eu tenho aquele modo antigo que tudo é muito sagrado, a **Conta de Orumilá** é sagrado, primeiro sentou o santo para depois me iniciar e eu passei pelas mãos dos sábios, e eu não pedi, os sábios me preparou tanto que de repente eu tinha tudo na mão e procurei exercer... e pedi consentimento se eu poderia, hoje ta ao contrário, as pessoas fazem santo e dizem “ah, eu quero jogar Búzio para ganhar dinheiro e manter uma casa de santo”, não foi esse o meu caso. Depois que eu aprendi que me ensinaram que eu participei e que eu perguntei se eu poderia e se teria consentimento e ordem para fazer isso, eles me orientaram Dona Lídia me deu uma cópia, Sílêda me deu outra cópia também completando, me orientaram, eu já tinha o “Dom” e esse Dom manifestou-se por conta própria, mas pedi consentimento aos meus superiores, pedi consentimento a dona Lídia e pedi consentimento a minha madrinha que na época seria dona Janda, que hoje é minha Yalorixá sucessora dessa casa. Pedi muito consentimento pra fazer certas coisas. Hoje por eu ser independente, ainda dou uma certa satisfação, eu acho que eles merecem, hoje quando vou fazer Yaô na minha casa é diferente eu estou fazendo uma coisa paga, estou dentro de santo a 37 anos, então não é uma coisa que eu entrei a 37 anos já jogando Búzios, não, eu passei pelas primeira iniciação, as primeiras paciências, como agora no pé de santo papai disse:

- Olha, você tem que fazer **Algulheta de Orumilá**, mas na sua casa, você tem que fazer alguma coisa para **Orumilá**”.

– Em que data, meu pai, quando eu posso estar me preparando?

- Tal mês, foi uma Revelação que ele me disse ao pé do santo.

Já não me preocupou, mas atenciosamente Orumilá sabe que eu tenho que me preparar, se ele me deu essa revelação. Orumilá sabe que eu tenho que tomar o meu caminho, se ele determinou alguma coisa, Orumilá vai estar do meu lado consentindo.

ENTREVISTA 4

Entrevistada:

Yalorixá Tia mãezinha (Maria do Bonfim), **filha de pai adão** (88 anos de idade)

Terreiro: Oba Ogunté, mais conhecido como Sitio de Pai Adão

Local: Água Fria, Recife.

1. Pergunta: Qual a importância dos moluscos no candomblé?

1. Resposta: Buzo, é para os Orixás, agora o que significa eles para os Orixás eu não sei todos (buzo o grande).

Eu sei que todos os Orixás antigamente nos tempos do meu pai (Pai Adão) nos pés juntos deles então eles tinham Yemanjá, Oxum com “5 buzos”, tudo ali dentro daquela bacia então tinha esse bicho, como e o nome dele, **Igbin de Orixalá**, sempre nos pés dele assim, ele descia ia lá prá onde estava Orixalá, e tinha uma vasilha com “**Asadakuê**” eles desciam e chegava na bacia de asadakuê e bebia, ele vivo, ficava ali, depois ia embora, isso era uma coisa que eu não prestava muita atenção.

Uma que pai não gostava que menino ficasse prestando atenção nessas coisas não, era mais pra pessoas antigas, ai a gente não ficava vendo essas coisas não, a não ser que fosse uma obrigação séria, que era preciso todo mundo reunido esta ali, mais menino ficava atrás, eu era filha dele mais ele não me botava logo em cima porque eu era filha dele não.

O mais velho ficava na frente e o mais novato atrás principalmente eu que era menina, não queria saber dessas coisas queria brincar menino só quer brincar, mais eu encontrei no tempo antigo esse “buzos” todos eles nos pés deles dos orixás tinham buzos, nos pés de Xangô todos ele tinham buzos (pequenos), tinham, como vamos dizer assim... uma bolsa de búzios que significava um orixá, até diziam que era **Xangô** e estava escrita “**Dada Ybaiãnin**” depois desapareceu, não sei que fim deram.

Não to dizendo a você que menino não presta atenção a nada! (Risos)

Então é uma explicação que eu não posso dar daquele tempo, muito antigo, porque não tinha direito de ficar prestando atenção às coisas que se passava lá.

Vamos dizer assim, vai ter uma obrigação, os meninos agora (hoje em dia) fica na frente, enquanto você fica lá atrás os meninos ficam na frente querem também matar, fazer e acontecer, mais no tempo do meu pai (Adão), os meninos vão brincar sem fazer zoada, tem mais essa, você veja como pode ser, meninos brincar sem fazer zoada, e os mais velhos vinham pra dentro do quarto do santo, nem todo mundo entrava no quarto do santo antigamente só entrava quem tinha serviço feito agora entra todo mudo é somente jogar o chinelo pra lá, tem gente que entra até de chileno no quarto do santo, mais antigamente só entrava quem tinha serviço feito.

2. E o jogo de búzios qual a importância para o Candomblé?

2. Resposta: Eles tem muita importância, porque eles que da o recado. A questão é você saber os Odum, então as posições dos búzios que cair ai você vai saber qual é o Odum que está falando, por exemplo: 4 Búzios fechados quem esta falando é **Yansã**. Agora 2 Búzios emborcados pode falar Orixalá ou **Orixá Beji**.

Os buzoz têm uma grande importância é ele que trás recado para nos e para as pessoas você joga Orixás dá o recado a você o Oduns, ai você conhece os Oduns pelas caídas dos buzoz, se cair assim, ou assim, ou assim (cada um tem seu significado) fala Xangô, fala Oxum, Yemanjá, fala Orixalá e assim nesse Oduns.

3. Qualquer pessoa pode jogar búzios?

3. Resposta: Quem se preparou.....agora todo mundo joga, mais se você não é preparado, você não pode saber o significado, tudo tem seu significado, como eu disse a você a posição dos nomes, dos Oduns, dos Orixás.

Qual o orixá que ta falando o que ta dizendo, como é que você vai dar um recado ao cliente seu, como é que o buzo manda dar esse recado ,se você não sabe o que ele está dizendo, a gente joga com 16, tem pessoas que jogam com

36, jogam com 2, mais que joga com 16 pode dar vários recados nessa posição, assim virado e ele aberto dá outro recado!

O buzo é o portador do orixá, porque cada buzo tem um significado, um Oduns que fala por ele, um significado, um orixá que fala, um Oduns quer dizer eu orixá que ta falando.

Então você já saiba o Oduns que ta falando, não cada queda dessa tem um significado, tem um nome, um Oduns que diz, que trás o recado pra você transmitir para as pessoas, agora todo mundo ta jogando buzo, mais, o nome dos Oduns, cada orixá tem seu Oduns e tem seu nome.

4. Pode se jogar com qualquer búzio! Ou tem que ser preparado?

4. Resposta: Pode jogar, mais não é o certo, pode jogar pela brincadeira, você pode jogar até com caroço de feijão, você pode botar um jogo pra uma pessoa com caroço de feijão (Risos).

Mais a questão é que tem que ser preparado, pra ter mais força, pra coisas sair tudo certinho, você dizer aquilo tudo, é preciso que você diga o que quer pra poder a pessoa jogar, tem pessoas que não diz nada chega e fica sentada e os búzios dizem tudo.

Vai dizer você ta passando por isso e isso, você não disse nada, mais a o buzo que vai dizer, e você também ter sua vista preparada, pode também ser pela cabeça (intuição) da gente também, isso presta muita atenção pra dar tudo certinho, você tem uma “mão de búzios” tem 16 buzos, joga com 4, que quer joga com 8 e etc...

O Igbin mesmo, esta difícil aqui, eu acho que aqui não tem não, só na mata é bicho da mata, mas eu nunca mais vi não, no tempo do meu pai tinha cada um grande, enorme tinha vez, que ele chegava a ficar todo abertinho mesmo bonitinho, é ele dentro da garapa, ficava ali dentro e ali se abria todinho pra beber aquele “Assadake”.

5. O Ibin é sagrado como alimento para Orixalá?

5. Resposta: É sagrado para o Orixalá, só para Orixalá comi o Ibin só que agora eu nem posso dá, uma explicação é porque agora tem muita novidade, agora todo mundo joga búzo, todo mundo dá recado, faz Yaiô, vem tira mato, pra fazer **Amassi**, pra levar pra lavar cabeça agora no tempo que eu era menina só tinha uma pessoa para apanhar estes matos era um homem por nome Preto Limão que saia daqui 04:00 horas da manhã pra ir pra dentro das matas e trazia aqueles matos todinhos preparados e agente podia confiar, vá fazendo devagarzinho, você vai pegando, quais as posições que caiu ali.

O recado o que vem dizendo, qual o orixá que esta falando é isso ai que a pessoa esta falando? Precisa saber bem direitinho.

É o Ibin de Oxalá é um animal que é próprio mesmo para o orixalá agora o pessoal vai pegar este que estão ai por ai na maré e na casinha para o orixalá o que der para o Oxalá a comida de Oxalá é o Ibin você pode matar e cozinhar para cozinhar para Oxalá comer aquele bicho também pode, ficar nos pés de Oxalá até ele morrer mesmo você pode deixar ele nos pés de Oxalá ele ficava à-vontade ali vai e volta fica arrodando “risadas”.

Agora não os meninos vêm aqui de tarde, os meninos daqui mesmo!

- É pra fulano que vai lavar a cabeça da filha de santo dele!
- Agora que tu estas apanhando esses matos com um sol quente desse?
Sol bem Quente! (Risos) quais os matos que tu vai levar?
- Leva Pata-de-Vaca, Vassourinha, Mangirioba, esse mato que é pra resfriado!
- Você, conhece as qualidades dos matos?
- É conheço!
- O que você pegar ai, você vai levando, no fim da tudo certo! (pegando a tiara de búzios)
- Então neste caso, nem eu e uma explicação que gente que dar a uma pessoa e não pode tem muitas posições que os búzios pode falar. Ele pode cair assim, assim, e o orixá pode falar!

6. E o Aruá pode ser usado para Oxalá?

6. Resposta: Não! Para Oxalá, vão na maré, pega cozinha com arroz e bota em cima de Orixalá, eu tenho visto o pessoal fazer assim, mas que ele seja de Orixalá não, de Orixalá é Igbín, o Ibin mesmo. Mas não encontrando o Igbín que agora é muito difícil, pode se fazer com o Aruá, mas só para Orixalá outro Orixá não sei não.

7. O Ibin não é um prato comestível para a gente, não é? Só para os Orixás?

7. Resposta: O Igbín é só para o Orixá, agora o Aruá tem pessoas que comem, mas Igbín nunca vi ninguém comendo não, só para Orixalá. Outro Orixá não.

8. Os Búzios podem ter outras utilidades?

8. Resposta: O pessoal bota agora na roupa, mas eu acho que isso é uma coisa de segredo que as pessoas deviam cultivar com carinho para terem mais força. Se você colocar os Búzios na roupa e todo mundo ver, você quer ele, mas quando você não quer mais aquela roupa tira aqueles Búzios e vai jogar com eles, não tem força nenhuma, você vestiu ele de todo jeito, menstruada, de qualquer maneira. Os Búzios só tem valor pra mim quando estão bem guardados dentro do Orixá, bem preparado. Ali ele tem a força dele. Sabendo, você pode jogar até com o caroço de feijão, porque o Orixá é quem dá o recado. O Búzio só faz receber e transmitir para você. Você joga e o Orixá é quem dá a sua intuição, é quem diz o Odum que caiu, como é o Odum que você jogou. Os Búzios tem um grande valor!

9. Quais os pedidos mais freqüentes no jogo de Búzios?

9. Resposta: Negócio de emprego, “deixamento” de mulher que deixou o marido, marido que deixou a mulher, namorado que deixou a namorada, as meninas gostam muito dessa brincadeira. Homens também me procuram, que às vezes vem botar um jogo, e eu pensando que ele botar jogo para uma mulher, mas não. Era para outro Homem, faz até vergonha de a gente dizer assim: Você queira me desculpar, eu vou fazer uma pergunta a você e vai me responder, não vai me censurar não, tem que ir devagar... Esse jogo que você está botando quem está

falando aqui é homem. Você me desculpe isso é um segredo, estou te contando o seu segredo e temos que guardar. E pra mulher também... bota um jogo para uma pessoa que eu gosto. A gente sabe que não ta botando um jogo para um homem, mas para outra mulher. A posição que o Búzios caem é o que quer dizer quem é que ele quer, qual o fim que a pessoa veio, não o que ele está dizendo. As vezes está querendo te experimentar.

10. A senhora acha que é possível jogar búzios pelo computador?

10. Resposta: Acho que não, porque os Orixás antigamente tinha medo de soldados, de automóvel, quando tinha uma festa para levar um Ebó, não ia de automóvel, tinha que ir a pé, mesmo que fosse longe. Nas festas de Oxum, ia a pés e quando voltava tinha que vir com a água do rio na cabeça. Agora no computador, não sei como é isso não. Cabe a você acreditar ou desacreditar. Eu não sei o que é um computador. O importante é saber jogar e decifrar o significado.

ENTREVISTA 5

Entrevistada:

Yalorixá Mãe Lau de Oxalá

Terreiro: Oba-Ogunté – Sítio de Pai Adão

Local: Água Fria, Recife

1. Qual a importância dos moluscos no candomblé?

1. Resposta: Uma porque através dos moluscos é que você sabe os Odum do Santo, o recado do Santo, o seu orixá, o que o Orixá ta mandando você fazer, o seu Odum isso tudo através do “búzio”, você pode saber qual é o seu Orixá! O búzio é o coração da religião, por que é através do búzio que a gente sabe tudo que acontece como se você ta com problema através do búzio que você pode saber. Se você está com um problema você vai a um Babalorixá ou Yalorixá e joga, então os Orixás vão falar com você, através do “búzio”

O búzio vai dizer qual se você for filha de Xangô ou de Yemanjá seja qual for o seu Orixá.

2. Qual é a importância do Igbin?

2. Resposta: Esse fundamento do Ibin, pertence a Oxalá e faz o **Ebo-Dinãm**, também pode se jogar com o Igbin, com inhame e cebola.

3. Você já viu alguém em caso de cura com o Igbin? Como foi essa experiência?

3. Resposta: Já vi diversas vezes de gente que já tinha sido condenado pelos médicos, e fazendo esse serviço ele se levantou e ficou curado ate hoje.

Inclusive tenho um filho de Santo que o médico dizia que ele estava condenado com arritmia no coração. Tinha 3 cateterismo e se fez pra ele o serviço e ele até hoje já faz 10 anos dele feito e nunca mais ele teve nada no coração.

Inclusive é um filho de Yansã. Graças a deus, Yansã e Oxalá, que botou a mão em cima e ele está curado!

Primeiro, eu joguei então o jogo dele deu muito ruim. Aí apelei e Orixalá garantiu ter essa paternidade por ele, então a gente fez o **Ebodinã** (que é feito com o Aruá e a palha do Dendê ou a palha nova que corta e cozinha, fura ele todinho e coloca todo enfeitadinho nos pés de Oxalá). Graças a Deus ele se levantou e hoje está vendendo saúde, todo ano ele faz as obrigações dele e cumpre o compromisso dele com Yansã que ele é de Yansã com Oxalá. Tudo tem que ter a fé. Sem fé, não consegue nada. Seja qual for a religião.

4. Existe outro molusco que pode ser usado no jogo do Candomblé?

4. Resposta: Existe o jogo dos mariscos que são aquelas conchinhas que pertencem a Yemanjá, que dá o mesmo recado que os Búzios. Tem muitos Babalorixás que chamam os “**Búzios de Dologuns**”, que na realidade, também é o nome deles.

5. Existem outras finalidades para os Moluscos sagrados do Candomblé? Onde podem ser usados?

5. Resposta: Usa nos assentamentos, a pessoa filha de santo que aprende a jogar ele tem que dar de comer aos Búzios, que como junto do santo da gente, onde a gente os põe dentro do Ibá do nosso santo para os búzios ter sacrifício para então depois jogar para as pessoas. Porque em tudo que ele está a venda, todo mundo pega. O Búzio tem que ser lavado e tem que dar sacrifício.

Podem usar os Búzios no **Kelê**, nos **Contreguns**, nas voltas (ou **Contas**). Se você usa voltas de acordo com o seu Orixá: se você é de Xangô, sua volta é vermelho e branco; se você é de Oxum são amarelas. Tem as firmas porque os Búzios são fundamento do santo e representa a nossa Nação africana, porque através dos Búzios, tudo a gente sabe na nossa religião.

Os Babalorixás e Yalorixás têm que ter seu **Anel de Búzio** porque ali está provando que ela foi feita iniciação e está pronta para exercer sua função.

Tudo o que se fizer no Candomblé, tem que ter os Búzios. Desde a iniciação até o **Axexê**. Sem os Búzios a gente não faz nada. Os Babalorixás e os Yalorixá se encaminham pelos Búzios, pois através deles se sabe de tudo. Sem molusco, não há religião.

ENTREVISTA 6

Entrevistado:

Babalorixá Vadinho de Oxalá

Terreiro: Ilê Oloxum Oju Omi,

Local: Passarinho (Olinda)

1. Qual a importância dos moluscos no candomblé?

1. Resposta: Olha, o que eu entendo aqueles búzios grandes a gente usa mais para enfeite, pode ser decoração, pode ser usado também nos pés de Yemanjá, como símbolo das águas salgadas.

O Ibin, a gente oferece como oferenda para Oxalá, é um Axé muito forte e muito bom.

E os menores (Búzios) esse é o essencial para a gente, é ele que determina o destino e é quem destina a vida do terreiro, do centro, deve ser obrigatório que seja destinado pelos búzios, é os Búzios que definem os dirigentes, quem define se a casa fecha ou se permanece, então esses moluscos são tudo... é nessa hora onde a gente precisa definir o destino do terreiro até mesmo de uma Nação, pode ser destinado com esses moluscos.

2. E onde mais os Búzios podem ser usados?

2. Resposta: Pode ser usado de várias maneiras, nas **Adinãs** (contas), que nós carregamos no pescoço, nos **Mocães** de braço (pulseira) que é uma maneira de você cobrir... como enfeite, o molusco vem na palha que cobre os mocães servindo de enfeite.

3. O senhor tem conhecimento de algum caso de cura com Aruá?

3. Resposta: Sim, temos o ritual que nós fazemos e que oferecemos para Oxalá na parte de saúde, que é feito com arroz ou milho branco e também acompanha o Aruá ou Ibin, pode ser chamado também dessa forma.

ENTREVISTA 7

Entrevista:

Yalorixá Judite de Oxum

Terreiro: Ilê Oloxum Oju Omi,

Local: Passarinho (Olinda)

1. Qual a importância dos moluscos no candomblé?

1. Resposta: Bem, os Búzios, como você sabe, sem os Buzos você não confirma de quem você é, primeira coisa, tudo de nós (Candomblé) é confirmado nos Buzos, até porque você veja, quando nós recebemos o **Deca** (quando você completa sete anos de iniciado cumprindo o ritual de um ano, três anos e sete anos) nós temos que apresentar e ainda dizer “foi os búzios que confirmaram que eu era, no caso você, de Yansã.

Daí para frente, você, claro, vai confirmar também outras pessoas, os Buzos que de certa forma tem coisas que, antes dos Buzos, a gente já está agindo, mas vamos ser corretos e confirmar tudo com os Buzos, a confirmação de tudo é ele.

2. E qual a importância do Ibin no Candomblé?

2. Resposta: O Ibin é um serviço muito fino, é um recado muito sério e não é todas as pessoas que sabem fazer esse trabalho “aí a pessoa pega e faz...não é”. Em compensação, é uma coisa muito séria, é um socorro! Eu vi e tive resultado, não que tenha passado pelas minhas mãos, não fui eu que fiz, mas assisti.

ENTREVISTA 8

Entrevistado:

Alexandre Lomi Lodô

(Ogã, Iniciado e Pesquisador das Religiões Afro)

Terreiro: Terreiro Ilê Oya Togun

Local: Janga, Paulista

1. Qual a importância dos moluscos no Candomblé?

1. Resposta: A importância dos moluscos no Candomblé, principalmente o Ibi ou o Ikoto, vem desde a “Cosmogonia” dos Nagôs, que remota a história da criação do Universo, que é quando o **Imolê Exu** em sua forma de **Exu Okoto**, ele vem através de uma simbologia muito específica que é a simbologia do molusco Ibi que é aquele circulozinho que começa em um ponto único e expande para o Universo. Essa é uma das simbologias principais do Exu Okoto, aliás talvez a principal que vem através da mensagem que realmente Exu é o ponto de início do Universo e para aonde o Universo se expande. Até hoje como nós temos experiências, o Exu realmente trabalha em outras estâncias, não só do Candomblé, mas também em outras religiões que foram fundamentadas dentro do Nagô e Banto e em outras sociedades africanas.

O Ibi enquanto importância para Oxalá ele tem um grande Axé mais importante que se chama o Axé Fun Fun que é o Axé do Sangue Branco que é o Eje Fun Fun que é dado a Axolá como símbolo de sua alimentação e não simplesmente dado a Axolá, mas também ao grande Orixá Orumilá em suas cerimônias mas secretas onde ele recebe em diversas oportunidades este animal sagrado.

Dentro de um contexto simbólico o Ibi ele tem uma tendência, quando você quebra a casquinha (concha) você vai ver dentro da casquinha a simbologia do dinamismo de Exu que é basicamente os **triagolozinhos** que forma a casquinha deles por descendência e descendência. Quando você quebra essa casquinha

que não tem mais o molusco dentro, que você já tirou, você vai ver também nos assentamentos do exu, porém o Okotô que é mesma coisa do Ibi, também é oferecido a Exu, mas esses são rituais que foram esquecidos dentro do Candomblé que foram instituídos no Brasil.

2. Qual a importância do Jogo de Búzios?

2. Resposta: O jogo de búzios tem uma extrema importância na fundamentação da sociedade Yorubá Nagô, porque é a única fonte de todo o contexto social desse povo. Na realidade pelo jogo de búzios em África não se jogava os búzios e se usava “**Ikins**” (sementes do dendezeiros” mas só os que tem quatro olhos), que também é o **Opele Ifá**. Então a importância desse fundamento transporta para o Brasil em forma de 16 búzios..... Tudo dentro do Candomblé é guiado pelo jogo, onde o Orixá vem, fala, determina e dá todo o seguimento aos procedimentos religiosos que se pode dá aquele Candomblé. Assim, as diretrizes principais onde esses orixás falam principalmente nos 16 oduns do jogo é de suma importância e responsabilidade dentro do Candomblé, pois hoje em dia não se têm mais o hábito de perguntar aos orixás o que eles querem e de que forma querem. E existe uma métrica já técnica descontextualizada do sentido maior da feitura do Orixá, na verdade o Orixá pelos búzios ele diz a sua folha, a sua qualidade, diz também como quer que seja feita a sua obrigação dentro dos padrões normais ou não do Candomblé ou Xangô de Pernambuco, diferenciado de outras nações, que tem uma procedência muito forte embora, reconheça que muitas coisas foram esquecidas dentro do contexto histórico dos Oduns que são usados no jogo de búzios hoje e a forma que os orixás são invocados, até porque se faz necessário um resgate mais profundo, pois o próprio Orumilá está exigindo isso.

3. Você vê alguma relação do molusco Aruá no Candomblé?

3. Resposta: O Aruá tem um fato muito importante dentro do Terreiro Ilê Oya Togun que é a casa que faço parte. Misticamente eu ainda não vi o uso dele como remédio, ou alguma coisa que possa ser passado no corpo, mas vi um trabalho feito por ele, tirar duas pessoas da UTI através da cerimônia feita com esse aruá.

Foi uma cerimônia feita para Oxalá e que existe várias cerimônias para a saúde pra esse orixá.

Dentro da **Jurema** (Umbanda) você também usa nas questões de saúde e quebra de quizilas. Agora existe outro tipo de **molusco** que é aquele “**crustáceo**” do mar tipo **sururu** que vem dentro de uma casquinha preta que é o **mexilhão**, super eficaz nas questões místicas sobre as questões ligadas diretamente a problemas espirituais graves, na quebra de quizilas e em doenças, esse é um fundamento de Caboclo dentro da Jurema sagrada, porque isso não vem diretamente dos africanos, vem diretamente da parte dos índios e dos pretos velhos, são duas áreas que se cruzam e que são usadas diretamente para as questões de saúde...pois eu comprovei o resultado mesmo quase que absolutamente imediato.

4. E com relação ao uso dos moluscos nos assentamentos e decorações?

4. Resposta: Basicamente os búzios entram em todos os assentamentos dos orixás, pois para compor os assentamentos, principalmente o Xangô de Pernambuco existe o preceito de se colocar 16 búzios dentro do assentamento (Ibá). Isso já é uma coisa de praxe.

Como decoração, os búzios representam riqueza, que lá em África era utilizada como moeda corrente. Quanto maior e mais raro mais poder que significava realeza. É usado no Contregun para cumprir o resguardo (iniciação ou obrigação).

Os moluscos são de grande importância por toda a vida em África por séculos e séculos. Os búzios representam os próprios sacerdotes dos Orixás.

ENTREVISTA 8

Entrevistado:

Rivaldo Pessoa

(Ogã presidente de Afoxé)

“Terreiro”: Afoxé Ogun Toperinã

Local: Alto da Sé, Olinda.

1. Qual a importância dos moluscos no Candomblé?

1. Resposta: Se referindo aos Dologuns (búzios) serve para o jogo de adivinho, o qual Ifá vem até a data de hoje presente fazendo com que os Babás e Yás se guiem atendendo e fazendo as ligações com os Orixás e estudando os Oduns.

O Ibi é um molusco direcionado a Oxalá, ele tem o mesmo poder e a mesma força de um Boi. Geralmente as pessoas mais velhas costumavam essa obrigação com o molusco porque ele é o Axé muito forte e é preciso saber como chamar para entregar a Oxalá que tem que ser dado antes do sol esquentar, de madrugada.

2. Em relação aos búzios, o que representa dentro do estandarte do Afoxé e Maracatu?

2. Resposta: Os dologuns (búzios, cauri) que geralmente são colocados no estandarte do Maracatu e Afoxé, é demonstrando riqueza, pois antigamente os pagamentos eram feitos com búzios, tanto em Pernambuco com em Bahia demonstra poder, riqueza e nobreza. Quanto maior o número de búzios no estandarte maior o poder de nobreza.

3. Você acredita no jogo de búzios pelo Computador?

3. Resposta: De jeito maneira... Eu ainda acredito no que os Babás e Yás fazem através dos Dologuns, porque para se fazer um jogo é necessário está preparado fisicamente e espiritualmente, é necessário saber sobre o jogo de Ifá. Antes do jogo tem que tomar um banho de folhas, tem que se fazer invocação, fazer o Oriquin (rezas), ter mais de 7 anos de iniciado no Candomblé e ter recebido a mão de jogo. Ao contrario de hoje que algumas pessoas pagam para receber o jogo de búzios, eu acho isso muito errado e não acredito no jogo de búzio pelo computador.

GLOSSÁRIO YORUBÁ NAGÔ

A

Abiã: aspirante, literalmente o que vai nascer.

Abebé: leque de metal; ferramenta dos orixás femininos.

Aberê: agulhas; no Brasil, escarificações rituais (tatuagens) feitas no corpo e membros do iniciado.

Adê: inicialmente essa peça da indumentária ritual religiosa afro-brasileira pode ser vista como uma espécie de capacete, coroa, tiara e até chapéu. Tais variante justificam-se pela variedade de formatos e tipos de materiais empregados para confecção dos adês. O uso do adê é exclusivo da indumentária que paramenta o deus africano – orixá, vodum ou inquice. Geralmente para os deuses masculinos ou tendência masculina o adê não apresenta chorão – franja de contas, canutilho, búzios e palha-da-costa, que cobre o iniciado, quando em estado de santo. Neste caso estão as santas fêmeas ou as iabás, que com uso do chorão mantêm um pouco do profundo mistério que cercam as iás – mães ancestrais a relacionadas às águas. Feitos de diferentes folhas de metálicas, papelão recoberto de tecido – incluindo bordados e aplicações – de metalóide e alguns até de meias cabaças, base de tecido e búzios.

Adé: homossexual

Aiê: terra, mundo dos homens, orixás Onilé.

Alabê: na África, dono da navalha, encarregado das escarificações rituais (Aberés); no Brasil, ogã tocador de atabaque.

Amassi: folhas maceradas em água, abô.

Anel de Búzio: Feito de prata, alpaca e ouro, ostentando um búzio, representante filiação às religiões afro-brasileiras, especialmente ao candomblé e ao Xangô. Também é distintivo de poder de mandos masculinos e femininos. Jóia-ritual de pai e mães-de-santo

Ara: corpo.

Assadaque: garapa feita com água, mel e fubá.

Assentamento: Objetos simbólicos em miniatura que centralizam os assentamentos propriamente ditos. São verdadeiras sínteses das formas

principais de orixás e voduns cultuados no Candomblé e no Xangô. São objetos feitos em metal, como estrelas de cinco pontas, haste e base circular, representando Oxalá, haste e base circular, representando Oxum, entre outros. Esses objetos são comuns ao comércio especializado – lojas, feiras e mercados onde o consumidor compra o assentamento – atuando dinamicamente nos formatos e concepções plásticas. Aí o conceito de assentamento centraliza-se em um objeto alegórico e síntese do orixá.

Axé: força sagrada dos orixás; forças que move o mundo, também designa o terreiro de candomblé e a linhagem.

Axexê: rito fúnebre em que os assentos dos Orixás do morto são quebrados e despachado juntamente com o despacho de seu espírito ou egum.

Axó: roupa.

B

Babá: Pai.

Babalaó: sacerdote de Orumilá; sacerdote do oráculo; adivinho.

Babalorixá: pai-de-santo.

Batuque: religião dos orixás no Rio Grande do Sul.

Bori: sacrifício à cabeça; primeiro rito de iniciação no candomblé.

C

Artigo IV.

Candomblé: religião dos orixás no Brasil; também designa o local de culto.

Candomblé de Caboclo: candomblé banto de culto aos espíritos dos antepassados indígenas.

Catimbó: religião dos mestres originários de Pernambuco e Alagoas.

Cliente: usuário do jogo de búzios e de outras formas de ajuda espiritual, mas que não tem compromisso com a religião.

D

Deca: cerimônia realizada no sétimo ano de iniciação, que confere ao iniciado o grau hierárquico de senioridade.

E

Ebó: sacrifício, oferenda, despacho.

Ebomi: membro do candomblé que já atingiu o posto de senioridade.

Egum: espírito de morto, antepassado, o mesmo que Egumgum; alguns orixás são Egum divinizados.

Emi: vida, sopro vital.

Equede: mulher iniciada para cuidar dos orixás vesti-los e dançar com eles.

Exu: orixá mensageiro; dono das encruzilhadas e guardião da porta de entrada da casa, sempre o primeiro a ser homenageado.

F

Filho-de-santo: membro do candomblé iniciado.

Fanti Achanti: nação cultuada no estado do Maranhão.

I

la: mãe.

lalorixá: mãe de santo.

lansã: outro nome para Oiá; literalmente, a mãe dos nove filhos.

laô: esposa jovem; filha ou filho-de-santo; grau inferior da carreira iniciática dos que entram em transe de orixá.

lbá: cabaça; recipiente de louça, cerâmica ou madeira que contém a representação material de um orixá, assento ou assentamento de orixá, altar.

lemanjá: orixá do rio Níger, dona das águas, senhora do mar, mãe dos orixás.

lfá: orixá do oráculo, outro nome de Orumilá; também os apetrechos do babalaó e o próprio oráculo.

Ikotô: molusco sagrado nas religiões Afro.

Ilê Axé: templo, candomblé.

Ilê: casa.

Inquice: divindade, deus do panteão dos candomblés bantos.

Iroco: árvore sagrada africana; no Brasil, nome da gameleira-branca e do orixá dessa árvore.

M

Macumba: designação considerada politicamente incorreta de candomblé, umbanda, feitiço.

Mãe-de-santo: sacerdotisa-chefe do terreiro de candomblé.

Mariô: folha nova da palmeira de dendê; usa-se geralmente desfiada.

Mojuba: saudação; literalmente, eu te saúdo.

N

Obi: noz de cola, fruto aclimatado no Brasil indispensável nos ritos do candomblé.

Obrigaçãõ: ritual iniciático com sacrifício votivo.

Ocum: mar, oceano.

Odara: bom, bonito.

Ode: caçador; nome genérico para os orixás; denominação de Oxossi na nação nagô pernambucano.

Odú: cada uma das combinações que se obtém no lançamento dos búzios, cada Odú é associado a um conjunto de mitos, que o adivinho interpreta para as previsões.

Odudua: orixá da criação; o criador da terra.

Odum: ano.

Ogã: homem que tem o cargo de sacrificador ou tocador de atabaque, título também atribuído ao protetor do terreiro.

Ogum: orixá da metalúrgica, da agricultura e da guerra.

Oiá: outro nome para Iansã, orixá dos ventos, do raio, da tempestade; dona dos eguns, uma das esposas de Xangô.

O

Olocum: orixá dos mares; mãe de Iemanjá; no Brasil, qualidade de Iemanjá.

Olodumare: Deus supremo que criou os orixás e deu a eles as atribuições de controlar o mundo.

Olofim: outro nome para o Deus Supremo em Cuba.

Olorum: literalmente, Dono do Céu; nome pelo qual o Deus é denominado preferencialmente no Brasil.

Oluô: Sacerdote especializado no jogo de búzios, adivinho.

Omulu: outro nome para Obalauê.

Onilê: literalmente, senhora da terra, filho de Odudua.

Oquê: orixá da montanha.

Oraniã: orixá das profundezas da Terra, filha de Odudua.

Orí: cabeça, destino; divindade da cabeça de cada indivíduo, recebe oferendas no ritual do bori.

Oriqui: epíteto, frase de louvação que fala de atributos e atos heróicos de determinado pessoa, família ou orixá.

Orixá: divindade, deus do panteão iorubá.

Orixá oco: orixá da agricultura.

Orixalá: Orixá Nlá, o grande orixá; outro nome para Oxalá.

Orum: Céu, mundo sobrenatural, mundo dos orixás.

Orunmilá: orixá do oráculo, o mesmo que Ifá.

Otá: pedra; seixo usado para representar o orixá no ibá.

Oxalá: Grande Orixá; outro nome para Obatala; nome preferencial de Obatala no Brasil.

Oxalufã: Oxalá velho; nome pelo qual Obatala no é referido no Brasil.

Oxossi: orixá da caça.

Oxum: orixá do rio Oxum; deusa das águas doces, do ouro, da beleza e da vaidade; uma das esposas de Xangô.

Oxumare: orixá do arco-íris.

P

Pai-de-santo: sacerdote-chefe do terreiro de candomblé.

Povo-de-santo: conjunto das religiões de afro-brasileira.

Q

Quarto-de-santo: espécie de capela em que se guardam os assentamentos ou ibás dos orixás.

T

Terreiro: local de culto, também a comunidade de candomblé.

X

Xangô: orixá do trovão e da justiça; teria sido o quarto rei de Oio.

Xangô, Nação: religião dos orixás originária de Pernambuco.